

amm

AVE MARIA - REVISTA MENSAL - ANO XC
Nº 7 - JULHO 1988 - Cz\$ 120,00



MARIA PRESENTE NAS IGREJAS DA REFORMA

SOLIDARIEDADE É PRECISO

É preciso reabrir as portas para o futuro

ORAÇÃO À NOSSA SENHORA DO TERCEIRO MUNDO

*Irmã peregrina dos pobres de Javé,
Profetisa dos pobres libertados,
Mãe do Terceiro Mundo,
Mãe de todos os homens deste mundo único
porque era a Mãe de Deus feito homem.
Com todos os que crêem em Cristo
e com todos aqueles que de algum modo
procuram seu Reino,
nós te invocamos, Mãe,
para que lhes fales de todos nós.
Pede a Ele, que se tornou Pobre,
que nos comunique as riquezas de seu Amor,
que sua Igreja se despoje,
sem subterfúgios,
de toda outra riqueza.
A Ele, que morreu na Cruz para salvar os homens,
pede-lhe que nós, seus discípulos,
saibamos viver e morrer
pela total libertação de nossos irmãos.
Pede-lhe que nos devore a fome e a sede
daquela Justiça
que despoja e redime.
A Ele, que derrubou o muro da separação,
pede-lhe que todos nós, que trazemos o selo de seu Nome,
procuremos de fato, acima de tudo o que divide,
aquela unidade reclamada por Ele mesmo em testamento
e que só é possível na liberdade dos filhos de Deus.
Pede-lhe, a Ele que vive ressuscitado junto do Pai,
que nos comunique a força jubilosa de seu Espírito
para que saibamos vencer o egoísmo, a rotina e o medo.
Mulher camponesa e operária,
nascida numa colônia
e martirizada pelo legalismo e hipocrisia:
ensina-nos a ler sinceramente o Evangelho de Jesus
e a traduzi-lo para a vida
com todas as revolucionárias conseqüências,
no espírito radical das bem-aventuranças
e no risco total daquele Amor
que sabe dar a vida pelos que ama.
Por Jesus Cristo,
teu Filho e Filho de Deus, nosso Irmão.*

Dom Pedro Casaldáliga
Bispo de S. Félix do Araguaia (MT)

am
avemaria

90 ANOS

Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Fundada em 28 de maio de 1898. Registrada no SNPI sob n.º 221 689, no SEPJR sob n.º 50, no RTD sob n.º 67, e na DCDP do DFP, sob n.º 199. P. 209 / 73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil.

Diretor responsável: Cláudio Gregianin (MTPS n.º 14 696)

Administração: Hely Vaz Diniz

Arte: Roberta Masciarelli (direção), Rubens Barboza e Nelson Veríssimo (assistentes)

Preparação e revisão: Lupércio E. de Oliveira

Composição, fotolito e impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda. Rua Martim Francisco, 656 — (Vila Buarque — CEP 01226) — São Paulo.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3.º e 4.º andares. Tel. (011) 66-2128 e 66-2129. Cx. P. 54 215 (CEP 01227) — São Paulo (SP).

A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da revista Ave Maria. — A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais as renovações de assinatura são feitas por banco ou correio.

Preços: números avulsos: Cz\$120,00; assinatura nova e renovação: Cz\$ 1.200,00; assinatura de benfeitor: Cz\$ 2.400,00

Foto da capa: (Série AM 90 anos)

“MADONA DO CAFEZAL” — Pintura de Antônio Paim Vieira — Maria e o Menino Jesus no primeiro plano. Ao fundo uma típica fazenda de café. Logo abaixo aparecem pequenas habitações de colonos. Maria apresenta o aspecto de uma jovem com traços europeus, camponesa e operária, descendente de imigrantes empregados na lavoura. O menino Jesus, robusto e corado, revela a mesma procedência.

SUMÁRIO

4 • A IGREJA NO MUNDO

6 • UTOPIA

7 • É PRECISO REABRIR AS PORTAS PARA O FUTURO

9 • O SANTO: UM INCONFORMADO

10 • SOLIDARIEDADE É PRECISO

13 • ESCÂNDALO E LOUCURA

14 • COM QUEM VOCÊ ESTÁ FALANDO?

15 • ANO MARIANO

16 • MEU LAR, MINHA ALEGRIA

18 • CONSULTÓRIO POPULAR

19 • PÁGINA DO CATEQUISTA

20 • A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA

23 • CIDADES DO MEU BRASIL

23 • O CARMELO, JARDIM FÉRTIL DA SALVAÇÃO

24 • QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

25 • IDE POR TODO O MUNDO, PREGAI O EVANGELHO

P.C.G.

Destemor para crescer

Um dos sentimentos que mais emperram o andamento da história em direção ao desenvolvimento e ao progresso é o medo. Ele paralisa, inibe a criatividade, sufoca os ideais.

Muitas coisas nos põem medo, as situações estranhas e desconhecidas, a violência, a opressão, a agressividade, o desamparo, a competição desleal, a guerra, a morte etc.

Porém, essa escuridão cede lugar à luz quando aderimos ao Cristo. Não só à sua imagem histórica ou à sua doutrina teórica mas também ao seu ideal e seu espírito. O Deus verdadeiro anunciado e vivido por Jesus de Nazaré é o Deus da vida, isto é, da coragem, do destemor, da perseverança, do entusiasmo, da alegria. O medo certamente vai se desvanecer se as palavras de Cristo “Coragem!... Eu venci o mundo!...” (Jo 16,33) encontrarem acolhida.

Essa nova coragem procedente da fé não é um idealismo vazio, mas uma energia com poder de transformação que nos faz crescer individual e comunitariamente. Caso contrário a vida e o sacrifício de Cristo terão sido inúteis.

Nesse número o artigo “É preciso reabrir as portas para o futuro”, de José Carlos Salvagni, alerta para a urgência de se desembaraçar do medo e pensar no futuro com otimismo, sem nostalgias do passado, assim como fez o papa João XXIII.

O projeto de Jesus Cristo de construir o reino de Deus, onde, em consequência, todos vivam na unidade e sejam irmãos, é a grande utopia cuja esperança de realizá-la é “uma espera contra toda a esperança”, como diz São Paulo. Leia “Utopia”.

Exemplos de esperança e de perseguição da utopia cristã são os santos, porque não se conformaram com a mediocridade nem com a passividade. Veja no artigo “O Santo, um incorformado”.

Hoje, os caminhos seguros para se construir o Reino, sem medo, passam pelos instrumentos comuns à sociedade em busca do desenvolvimento: a economia, a ideologia, o sindicalismo, a justiça, o direito etc. O artigo “Solidariedade é preciso”, de Avelino S. Godoy, reflete, sob a luz da encíclica de João Paulo II, *Sollicitudo rei socialis*, a realidade social hoje.

Encarar de frente a realidade faz perder o medo e provoca o desafio que é a procura de uma solução. Leia também “Escândalo e loucura” e “Com quem você está falando?”

O medo, assim como as trevas, se desfaz quando a luz da verdade se acende. Mais uma vez Jesus Cristo nos salva e liberta para o crescimento quando diz “eu sou o caminho, a verdade e a vida” e “a verdade vos libertará”.

Novos cardeais brasileiros

Foram nomeados pelo Santo Padre na manhã do domingo de 29 de maio dois novos cardeais brasileiros: D. Lucas Moreira Neves, com 63 anos em setembro, será o 4.º Cardeal Arcebispo de Salvador, e D. José Freire Falcão, com 63 anos em outubro, será o 1.º Cardeal Arcebispo de Brasília, no Distrito Federal. Eles figuram entre 25 novos Cardeais de 18 países, que João Paulo II convocou para o 4.º Concistório de seu Pontificado, a se realizar em Roma, no próximo 28 de junho. Nessa data receberão o chapéu cardinalício, além dos dois brasileiros, 18 arcebispos: quatro da Cúria Romana, o Núncio Apostólico na França, de Montreal (Canadá), Ernakulam e Bombaim (Índia), Nápoles e Gênova (Itália), Maputo (Moçambique), Bogotá (Colômbia), Sidney (Austrália), Washington e Detroit (Estados Unidos), Viena (Áustria), Esztergom (Hungria), Garoua (República dos Camarões); quatro bispos, de Essen (Alemanha), Kaisiadorys (Lituânia), Pprt Louis (Ilhas Maurício) e Hong Kong (China), além do padre Hans Urs von Balthasar, suíço com 83 anos, teólogo da Comissão Teológica Internacional. Agora, o Brasil ficou novamente com sete cardeais e o Colégio dos Cardeais com 120 membros. D. Antônio Celso de Queiroz, Secretário Geral da Conferência, telegrafou

aos dois novos cardeais do Brasil, enviando "fraterna saudação e pedindo ao Senhor graças, sabedoria e bênçãos aos prezados irmãos, elevados à dignidade cardinalícia". D. Luciano Mendes de Almeida, presidente da CNBB e vivendo o "dia seguinte" de sua posse como Arcebispo de Mariana, mandou aos dois novos cardeais brasileiros esta mensagem: "Pela feliz indicação do Santo Padre, uno-me pela prece, rogando a Deus que abençoe sua nova responsabilidade para o bem da Igreja".

Atentado contra cardeal

Fortaleza (AGEN CNBB). A residência de d. Aloísio Lorscheider, cardeal de Fortaleza (CE), foi invadida às 3 horas da madrugada de 28 para 29 de maio por dois homens que renderam o vigia, entraram no jardim e forçaram a janela do quarto do arcebispo. Mas ele estava no sul do país, para onde viajara naquela noite. É a terceira vez que a violência ronda a casa do arcebispo do Ceará, sempre de madrugada, com bomba explodindo no jardim e matança sucessiva dos cães de guarda, além de insistentes telefonemas anônimos de ameaça. Este atentado, informou a Regional Nordeste-1 da CNBB, está ligado a duas posições tomadas pelo cardeal recentemente:

1. Com mensagem ao povo cearense, dia 13 de maio, apoiando a greve

dos têxteis e dos metalúrgicos, que se protelava há 20 dias, com omissão da imprensa e repressão da polícia.

2. Com entrevista coletiva, dia 25 de maio, em que d. Aloísio Lorscheider defendeu a terra dos índios Tapeba, de Calcaia, na periferia de Fortaleza, que está sendo invadida por políticos do Ceará. A entrevista foi dada porque uma comissão da FUNAI esteve em Fortaleza de 23 a 25 de maio, fazendo o jogo dos políticos contra os interesses indígenas. D. Aloísio já recebeu quase 4 mil cartões com assinatura da Suíça e da Alemanha se solidarizando com ele pela sua "luta pacífica por mais justiça social e preservação dos direitos humanos no Brasil".

Pastoral indígena

Bogotá (AGEN). O I Encontro Episcopal de Pastoral Indígena da Amazônia será realizado de 23 a 27 de agosto, em Bogotá, Colômbia. A situação dos povos indígenas que vivem na região amazônica, sob a ótica da evangelização, é o objetivo do Encontro, que nasceu de uma reunião entre os bispos de Puerto Ayacucho, na Venezuela, d. Miguel Alagna, de São Gabriel da Cachoeira (AM), e d. Aldo Mongiano, de Boa Vista (RR). O encontro está sendo organizado pelo Departamento de Missões (Demis) do Conselho Episcopal Latino-Americano (CELAM).

Conselho Mundial de Igrejas visita o Brasil

O Conselho Mundial de Igrejas visitou o Brasil de 25 de maio a 5 de junho de 1988, através de sua Sub-unidade "Renovação e Vida de Comunidade", para conhecer novas formas de vida comunitária, especialmente Comunidades Eclesiais de Base. A Comissão era formada por sete pessoas, representando a Igreja Episcopal dos Estados Unidos, Reformada da Inglaterra, Metodista de Gana, Católica Romana, Ortodoxa de Chipre, Ortodoxa da Romênia, sendo o representante desta Diretor da Sub-unidade, além do representante do CONIC (Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil). Uma metodista de Sri Lanka não conseguiu visto de entrada para o Brasil. Estiveram no Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo, Goiânia e Brasília. Visitaram Brasília dia 5 de junho, onde foram recebidos por Frei Félix Neefjes, Assessor de Ecumenismo da CNBB. Participaram de missa na Catedral, presidida pelo Cardeal Arcebispo, D. José Freire Falcão. Conheceram a sede nacional da CNBB, onde o Assessor de Comunidades Eclesiais de Base falou deste novo modo de ser Igreja, servindo de intérprete Mons. Pierre Primeau. Visitaram as Comunidades Luterana e Episcopal em Ceilândia.

D. Paulo e Jaime Wright recebem *honoris causa* nos EUA

São Paulo (AGEN). O cardeal de São Paulo, d. Paulo Evaristo Arns, e o pastor da Igreja Presbiteriana Unida (IPU), reverendo Jaime Wright, receberam, no dia 7 de setembro, o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Dubuque, estado de Iowa, nos Estados Unidos, em razão de seu trabalho no Projeto Brasil Nunca Mais, promovido pela Arquidiocese de São Paulo. O Conselho Diretor da Universidade de Dubuque, ligada à Igreja Presbiteriana norte-americana, decidiu conceder o título a d. Paulo e ao pastor Jaime Wright para marcar o exemplo do que pode ser feito a nível ecumênico. Jaime Wright é, atualmente, secretário-geral da IPU.

A Universidade de Dubuque foi a primeira instituição protestante nos EUA a abrigar um Instituto de Teologia dirigido por padres dominicanos, com autorização do Vaticano. O Instituto funciona no próprio campus universitário.

Brasil Nunca Mais. Os órgãos colegiados da Universidade decidiram conceder o título aos religiosos brasileiros a partir de artigo sobre o Projeto Brasil Nunca Mais, publicado em duas partes na *The New Yorker Magazine*. Cópias do artigo e exemplares da edição em inglês do livro *Brasil Nunca Mais*

(*Torture in Brazil*) foram distribuídos aos membros dos colegiados.

O livro *Brasil Nunca Mais*, lançado pela Editora Vozes, está em sua 21.ª edição, o que significa 220 mil exemplares vendidos. Nos EUA, *Torture in Brazil* foi editado pela Random House, uma das maiores editoras norte-americanas. Recentemente, a Vozes lançou o *Perfil dos Atingidos*, correspondente ao tomo 3 do Projeto A de Brasil Nunca Mais, que inclui uma radiografia dos setores sociais atingidos pela repressão, como as mais de 40 organizações de esquerda.

Adido militar

São Paulo (AGEN). Uma série de entidades populares está veiculando abaixo-assinado dirigido ao presidente José Sarney, protestando contra a aceitação, pelo governo brasileiro, do general Pablo Nuila Hub como adido militar da Guatemala no Brasil. O general guatemalteco é apontado pela Anistia Internacional como responsável por massacres de milhares de trabalhadores de seu país, especialmente camponeses. No ano passado, o governo democrata-cristão do Equador negou a indicação do general Pablo Hub para ocupar o mesmo cargo nesse país. A decisão do governo brasileiro em aceitar a indicação do general Pablo Hub foi anunciada a 12 de março passado. Dois dias depois uma bomba colocada

por desconhecidos explodiu na embaixada brasileira na cidade de Guatemala. No dia 15, o chanceler guatemalteco, Alfonso Cabrera, descartou que o atentado esteja relacionado com a aceitação pelo governo brasileiro da indicação do general Hub para adido militar no Brasil.

Julgamento dos mandantes de assassinato

A Assembléia Geral do Conselho Pastoral da Região Episcopal de Santana, na Arquidiocese de São Paulo, no dia 5 de junho de 1988 pede ao ministro da Justiça em Brasília, Paulo Brossard, que comece a fazer o julgamento dos mandantes do assassinato do Pe. Josimo Tavares. O documento, aprovado por unanimidade pela Assembléia e assinado por Pe. Eduardo Rodrigues Coelho, coordenador de Pastoral na Região, afirma entre outras coisas:

“O Brasil acaba de assistir à condenação de Geraldo Rodrigues de Souza, executor de Pe. Josimo Tavares. Acontece que o condenado é alguém que foi contratado para matar. É representante de um grande grupo, dos justiciros. Pessoas que fazem aquilo que outros decidem a respeito da vida de alguém. O condenado declinou, durante o julgamento, o nome dos mandantes. É preciso julgar e condenar os verdadeiros culpados, não por vingança, mas por justiça. É preciso que a Justiça comece a ser feita neste país. Se não forem condenados aqueles que mandam executar pessoas, que defendem o direito dos pobres, corremos o risco de enfrentar uma sangrenta guerra civil, diante de tanta miséria material, humana e moral. Pelo Brasil, pelos brasileiros e pela paz, que sejam punidos aqueles que mandam matar e assistem à destruição do povo”.

ERRATA

1 — No editorial, no 10.º parágrafo, onde se lê “ao completar 80 anos...” entende-se “90 anos”.

2 — O calendário comemorativo de junho que entrou como encarte na revista Ave Maria n.º 5 traz um erro na numeração dos dias.

Errado

JUNHO 1988						
DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
28	29	30	1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30	31	

Certo

JUNHO 1988						
DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
29	30	31	1	2	3	4
5	6	7	8	9	10	11
12	13	14	15	16	17	18
19	20	21	22	23	24	25
26	27	28	29	30		

UTOPIA

Pe. Isidoro de Nadai, cmf

Uma das coisas que mais me exasperam é a recusa do diálogo por parte das pessoas ou dos grupos e classes sociais. Ela me produz a sensação angustiante de quem se encontrasse num desfiladeiro escuro. É o desfiladeiro sufocante da irracionalidade e do pecado, que se define exatamente como a recusa do diálogo com Deus.

Na realidade, o que não consigo aceitar é a própria existência de classes sociais. Sou teluricamente preso à convicção teológica de que para Deus, sendo Pai e sendo nós todos irmãos, não é cabível a existência de classes, afortunadas umas, outras desfavorecidas e marginalizadas.

Sem entender muito de sociologia e não conhecendo quase nada do marxismo, mas entendendo um pouco de Evangelho e dos sentimentos de Cristo, percebo que o mal não está na luta de classes e sim na existência das mesmas. Não consigo crer que seja um mal lutar para construir uma sociedade sem classes. Sei, isto sim, que se trata de uma utopia. Mas sei também que a esperança cristã é a maior das utopias.

Utopia não quer dizer necessariamente algo irrealizável e sim algo desejável, mas só atingível através da superação das condições em que a gente se encontra e que se apresentam como fatais, quando, na realidade, são superáveis pela nossa luta tenaz e pela graça de Deus.

Como se vê, estamos em pleno reino da Esperança que "espera contra toda a esperança", na paradoxal e bonita expressão de São Paulo.

"O que é, não pode ser verdadeiro" (E. Bloch). Por isso é preciso lutar para que o que aí está desapareça, a fim de que o verdadeiro se vá fazendo.

Sei perfeitamente que a utopia da igualdade e da fraternidade só se reali-

zará totalmente no Reino, mas com o Evangelho e com a Igreja, sei também que o Reino precisa começar aqui, sob pena de não o encontrarmos em lugar nenhum.

Vejo, penalizado e triste, que não só existem as classes sociais, mas que elas se fecham ciosamente umas às outras. E vejo mais ainda, como pecado original, que as classes privilegiadas se crispam e se armam quando as classes dominadas e desfavorecidas tentam conquistar também elas um pequeno lugar ao sol. É realmente acabrunhante observar como as classes dominantes se recusam terminantemente a reconhecer que a mais feroz luta de classes é exatamente a luta surda e silenciosa, mas esmagadora, que eles travam para conservar seus privilégios, mesmo que odiosos, em detrimento das classes mais humildes. Insurgem-se, virulentas e hipócritas, contra aqueles que procuram desmascarar seu jogo escuso.

Um bom amigo me dizia, inconformado, que as centrais sindicais haviam posto a perder o Plano Cruzado, segundo ele, a melhor e última chance de tornar viável nosso querido Brasil. Tentei fazer-lhe ver que muito mais do que a recusa da CUT, do PT, do PDT, ou da CGT, o que liquidou o referido plano foram os ágios e a sonegação das matérias-primas, coisas que não estavam ao alcance das referidas siglas, me parece...

Depois de tudo, fico pensando que a subversão está muito mais no topo do que na base da pirâmide social, por mais que se pretenda fazer crer o contrário.

Quando vejo também alguém fazendo ameaças para que o governo "realinhe" já os preços de suas mercadorias e exigindo que desarme o "gatilho" salarial por ser inflacionário, fico com a nítida impressão que estão me contando mais uma vez a eterna fábula do lobo e do cordeiro...

Perder o medo e pensar no futuro. Com este espírito João XXIII abriu as portas do Concílio Vaticano II. O futuro nos provoca para entender o passado e compreender o presente. Fazemos todos parte de um grande universo em evolução de cuja história contemporânea somos responsáveis. E nesse processo, sem nostalgias do passado, lembrados das palavras de Cristo, "Coragem, eu venci o mundo!", os cristãos devem ser sinais de otimismo, destemor e testemunhas de fé no Deus que quer para todos um futuro sempre melhor: Vida em abundância.



É preciso reabrir as portas para o futuro (e recebê-lo sem medo)

José Carlos Salvagni



Um dos momentos mais lindos dos últimos tempos que, lado a lado, comoveu por igual crianças e adultos, ocorreu no cinema: o momento em que o "feioso" ET (o "Extraterrestre") toca seu dedo luminoso no dedo do menino — o principal parceiro em sua estada forçada por aqui.

Naquele momento o espectador não se sentia como brasileiro, chinês, egípcio, malgaxe, russo, americano, índio, mas um homem da Terra defrontando-se com um igual, vindo de outro ponto do Universo, apertando sua mão, saudando-o. Aquele ser, de uma civilização tão avançada, de tantos conhecimentos e poder — e, apesar disso, bonachão e brincalhão, que chora com saudade de casa — comoveu de tal forma um comunicador popular, pouco dado a elogios, a ponto dele ter decla-

rado, extasiado: "Ele nos faz bem; nos faz sentir que somos bons!"

Uma sensação absolutamente nova e provocadora...

Um mito que nos chama para o futuro

O "ET" não é uma invenção do cinema. Trata-se de um mito moderno (pelo menos, até que apareçam "ETs" de verdade...), da era tecnológica e cibernética. Um mito que surge nos anos da Guerra Fria, anos de enfrentamento entre os dois maiores impérios atuais, os Estados Unidos e a União Soviética, logo depois da maior carnificina da história e do aparecimento da bomba atômica. Anos de pavor.

Esse grande mito moderno nos

fascina, nos tranqüiliza, e nos faz perder o medo de pensar no futuro, de reabrir as portas ao futuro (fechadas ante as "profecias" de horrores, bombas, governos e ditaduras sanguinários, pestes etc.). E pensar no futuro é fundamental para podermos compreender melhor o presente, e entender o passado. Sem futuro tudo perde sentido.

O grande mito moderno do "ET" vem nos trazer como que uma "base" firme no universo, perdida quando grandes cientistas, como Galileu Galilei, ao risco da própria vida, mostraram que a Terra não era o centro do universo; que ela girava em torno de uma estrela "média", na ponta de uma "pequena" Constelação, a Via Láctea. Os cientistas, e depois, a descoberta da América, colocaram a Terra entre os demais objetos do cosmo, destruíram assim o velho "céu" e o "firmamento", e nos balançaram por vários séculos.

De repente o cinema idealiza e coloca diante de nós um "ser" que provoca um sentimento jamais provado. É como se, olhando para a vastidão do universo, no antigo "céu", começássemos a poder apontar o dedo para "civilizações das estrelas", acima de nós, abaixo, nos lados. Como se esse abismo do tempo e do espaço deixasse de existir. E se, sabendo de "civilizações" mais avançadas que a nossa, pudéssemos dar uma "banana" para nossos fantasmas todo-poderosos, e nossos tiranos.

O homem é ainda muito novo no universo

Não precisamos do mito para enfrentar o futuro sem imitar o aves-

truz. Mas o mito ajuda pelo menos a enfrentar a surpresa... Afinal, a voz se transmite pelo éter para o rádio e TV; objetos mais pesados que o ar voam; a Terra é fotografada a partir da Lua... A cena não é nova. O futuro é cheio de tanta coisa fascinante, de tanto crescimento para o homem, que não vale a pena fechar a cara para ele por causa das "profecias" de horrores, ou dos possíveis horrores que nele, naturalmente, também devem existir.

Homem de consciência planetária por excelência, o grande cientista, sacerdote, teólogo e pensador Pe. Pierre Teilhard de Chardin, um estudioso dos fósseis e do início da vida na Terra, autor de um livro fundamental e polêmico,¹ morto nos anos 50, numa palestra em Pequim, durante a Segunda Guerra Mundial,² dizia que a história humana, apesar daquela carnificina, tem muito chão ainda pela frente, numa Evolução incessante do homem e da criação. "O grupo humano — dizia — é ainda novíssimo, tenrinho, por analogia com o que nos ensina a história dos demais grupos vivos; organicamente falando, tem ainda vários milhões de anos para viver e crescer."

Evidentemente, esses milhões de anos não serão diferentes dos anteriores nos seus altos e baixos:

— Decerto — reconhecia Chardin — podemos imaginar toda sorte de infelicidades (catástrofes ou doenças) que teoricamente viriam truncar tão belo florescimento. Eis, porém, que há 300 milhões de anos a vida se soergue paradoxalmente no improvável. Não há nisso um indício de que ela avança sustida por certa cumplicidade das forças cegas do universo, isto é, de que ela avança infalivelmente?

A Criação, segundo Teilhard, é um processo contínuo. Nesse vasto universo, tudo se movimenta, tudo evolui. Quanto maior o corpo celeste, mais lentos, aparentemente, os movimentos. A vida é como esses grandes corpos. Seus movimentos podem ser percebidos melhor tomando-se largas faixas de tempo. "De dez em dez milhões de anos a

vida praticamente muda de pele".

Mas essa evolução, segundo Teilhard, vai ter um ponto de chegada. "Deus cria-nos, age sobre nós, através da evolução." Mas não fica nisso: "Deus espera-nos no fim da evolução", daí por que, para o cristão, "ultrapassar o mundo não significa nem desprezá-lo, nem rejeitá-lo, mas vivê-lo e sublimá-lo".

Acredite: a incerteza da década de 70 foi um progresso!

Outro grande pensador contemporâneo, Edgar Morin, diz que chegamos à "idade de ferro planetária". Estamos criando uma consciência planetária, acima de nacionalismos, ideologias etc., forjada por duas guerras mundiais, por ameaças comuns, e impulsionada pela aventura espacial que, muito mais que americana ou russa, é uma aventura humana também. "A Terra transformou-se em nave espacial".³

Edgar Morin diz que a história e a criação nos surpreendem a cada momento. Por exemplo, se um extraterrestre pudesse ter estado na Terra há 3 milhões de séculos, teria muitas dificuldades para entender o que se deu depois, simplesmente porque não deu a "lógica". A vida foi uma fabulosa revolução na Terra, ou também, uma seqüência de revoluções, desde o primeiro ser polielular até o homem. "Antes de cada uma dessas etapas a revolução teria sido imprevisível e inconcebível por um observador dotado de nossa inteligência e com nossos meios de observação. Isso significa que o inconcebível é possível".

O próprio livro do escritor (*Para sair do século XX*) é uma provocação permanente ao leitor para que faça um esforço rigoroso para uma adequada leitura do momento presente. Mostra o fracasso das revoluções, a ditadura das ideologias sobre o homem, o monstro dos estados-nações, a desinformação do homem, seja pelo excesso de alguns tipos de informação, seja pela escas-

sez de outras, tornando certas regiões da Terra, mesmo continentes inteiros, novamente desconhecidas.

Mas o pensador assinala sua confiança: "Embora a previsão nos mostre o pior, a esperança dirige-se para o improvável e o inconcebível. A criação, antes, é sempre invisível, e é preciso apostar nesse invisível".

Aliás, segundo Morin, aquilo que consideramos negativo hoje é um dado positivo importante. "O grande progresso trazido pela década de 1970 foi o reconhecimento da incerteza. É exatamente este o primeiro sentido que tem a palavra "crise": o aparecimento da incerteza nos pontos em que tudo parecia seguro, acertado, regulado, portanto, predizível". Isso acabou com as "certezas" do capitalismo, do comunismo, e de outros ismos. O homem ganha sua história de novo.

Cuidados com os "Apocalipses"

A atitude de medo diante da história não é cristã. É negadora da história humana e da Providência Divina que acompanha a história. Nem é cristão situar figuras centrais da nossa Fé, como o Espírito Santo (o "Paráclito" que encorajou os apóstolos para o combate), ou Nossa Senhora, como figuras temerosas do sopro das "coisas novas", da história, do futuro, como, infelizmente, certos cultos fazem.

O papa João XXIII, na abertura do Concílio Ecumênico Vaticano II, em 11 de outubro de 1962, deplorou o pessimismo, a falta de fé, o desprezo pelo mundo moderno, a nostalgia do passado. "Na situação atual da sociedade — disse o Papa — (esses) não vêem mais do que ruínas e calamidades; têm por hábito dizer que a nossa época piorou profundamente, em relação aos séculos passados; conduzem-se como se a história, que é mestra da vida, nada tivesse para lhes ensinar... Parece-nos necessário afirmar o nosso completo desacordo com esses profetas da desgraça, que constante-

mente anunciam catástrofes, como se o mundo estivesse próximo do fim".⁴

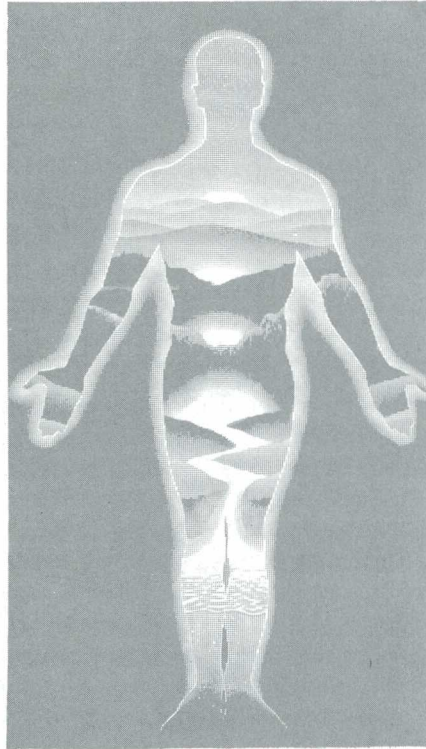
É preciso perder o medo, passar ao lado de certos "apocalipses" ou equivalentes, e suas pretensas traduções. Os apocalipses eram um gênero de literatura religiosa, de natureza própria, específica, muito conhecida entre os judeus, bem antes de Cristo. Os próprios discípulos de Cristo teriam tido contato com os essênios, que dispunham de um texto desses.⁵ O próprio Apocalipse de São João não é texto de fácil interpretação e escapa às tentativas fáceis de aplicação à realidade, como se pensou no passado e hoje também.⁶

O melhor mesmo é reabrir as portas para o futuro, recebê-lo sem medo porque Deus está presente na História, e porque fechar as portas para o futuro é estagnar, é não oferecer saídas para o presente, é não jogar fora trastes que conservamos com tanta atenção enquanto não damos a devida atenção ao novo e à esperança que se nos apresentam e batem, sem sucesso, nossa porta. ■

Bibliografia

1. Chardin, Pierre Teilhard de, pe. *O fenômeno humano*. Portò, Livraria Tavares Martins.
2. Publicada no livro *O progresso*. Lisboa, Editorial Presença. Col. Perspectiva/8. (Original publicado no livro: *L'avenir de l'homme*. Paris, Edition Du Seuil, 1959.)
3. Morin, Edgar. *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
4. Fesquet, Henri. *Fioretti do bom Papa João*. Lisboa, Livraria Moraes Editora, 1964.
5. Allegro, John Marco. *Os manuscritos do Mar Morto* (p. 169 etc.). Lisboa, Publicações Europa-América.
6. Scholem, Gershom. *A mística judaica*. (col. Filosofia/Estudos, p. 73 etc.). São Paulo, Perspectiva, 1972.
7. UNESCO. *Vida e valores do povo judeu* (col. História/Estudos, p. 106 etc.). São Paulo, Perspectiva, 1972.
8. Gorgulho, G. S. frei & Anderson, Ana Flora. *Não tenham medo: Apocalipse*. São Paulo, Paulinas, 1982.
9. Ellul, J. *Apocalipse, arquitetura em movimento*. (Biblioteca de Estudos Bíblicos, 10) São Paulo, Paulinas, 1982.

O SANTO: um inconformado...



por nunca haver feito as pazes com o pecado acabaram por se acostumar com a virtude que buscaram, às custas de incríveis renúncias. Evitar o pecado tornou-se neles um hábito complementado pelo sadio hábito de procurar o melhor para si e para os outros, à luz da Palavra de Jesus Cristo.

Qual seria então a diferença entre um homem santo e um homem pecador? Parece pequena, mas é tudo. Enquanto o santo é aquele que jamais se deu bem com seus erros e falhas e lutou até o ponto de superar-se, o pecador conformou-se com sua fraqueza, entregou-se ao vício e ao pecado e fez as pazes com o que lhe tirava a paz.

Dos dois, o inconformado é o santo. É ele quem não admite que as coisas fiquem como estão. Ele é o revolucionário que sonha com mudanças estruturais para a humanidade dentro dele mesmo. Não tem medo do futuro. O que receita para o mundo assume para si próprio.

O pecador se ensimesma e espera que as coisas corram bem para o seu lado e já que não tem paz, quer ao menos o conforto de uma tranquilidade material ou moral que lhe sirva pelo menos em parte.

Dos dois, Deus prefere os santos. Mesmo porque são os únicos que conseguem questionar estruturas não apenas com palavras, mas com sua vida pessoal. Se duvidam, perguntem aos que conhecem Francisco de Assis, Tereza de Calcutá, D. Oscar Romero, Pe. João Bosco Benido Burnier, Santo Dias, Pe. Rodolfo Lunkenbein, Lourenço Simão... e milhares de outros da história antiga e contemporânea. ■

Pe. José Fernandes de Oliveira, scj

Os que pensam que um santo é uma pessoa que jamais cometeu pecado e que não tem imperfeição alguma, estão enganados a respeito de santidade. O santo é uma pessoa que deseja atingir a perfeição em Jesus Cristo e no Pai, mas que precisa conviver com sua própria limitação humana.

Não existe nenhum santo que não tenha tido dificuldades e sofrimentos. E não há nenhum, nem Maria, que não tenha tido que fazer escolha. Ninguém ficou santo à força ou por magia. De todos Deus pediu um sim generoso que implicava em sofrimentos e renúncias dolorosíssimas.

O que é então um santo? Uma pessoa que não peca? Alguém que nunca erra? Não. Simplesmente alguém que jamais se acostumou com o seu pecado e suas limitações. E

Solidariedade é preciso

Avelino S. Godoy

A noção de desenvolvimento resume todo o pensamento da encíclica Sollicitudo rei socialis. Justamente na época atual em que a exclusividade ao lucro devassa o sentimento humano. Somos, primeiramente, como cristãos, alertados e convocados a dar uma resposta a esta situação. Não deixemos o tempo apagar as letras destes ensinamentos. O mundo precisa de cada gesto que fizermos; por isso, façamos bem.



No dia 19 de fevereiro último, o papa João Paulo II publicou sua nova encíclica *Sollicitudo rei socialis* (Preocupação com a realidade social). Em comemoração ao vigésimo aniversário da *Populorum Progressio* de Paulo VI, em 26 de março de 1967, reafirmando a "continuidade da doutrina social da Igreja" e ao mesmo tempo a sua "constante renovação", comprovando o valor perene do ensino da Igreja através dos tempos.

É a sétima encíclica pela ordem: *Redemptor Hominis, Dives in Misericordia, Dominium et Vivificatem, Laborem Exercens, Slavorum Apostoli e Redemptoris Mater.*

A *Sollicitudo Rei Socialis* veio à luz visando a problemática do mundo atual: a grande disparada entre o mundo dos desenvolvidos e dos subdesenvolvidos — exploradores e ex-

plorados. Atualizar a verdadeira noção de "desenvolvimento" econômico, cultural, moral e espiritual em relação à paz. Deparando com o contraste do atual "progresso" desordenado.

"As angústias e as tristezas de hoje são a miséria e o subdesenvolvimento"

A encíclica coloca como obstáculo ao crescimento dos países subdesenvolvidos esta divisão do mundo em blocos opostos, Leste—Oeste, mas que no fundo buscam um mesmo objetivo. Uma minoria exercendo um ultrajante domínio sobre uma maioria esmagadora de pobres, muitos, sob todos os aspectos.

A encíclica responsabiliza os sis-

temas financeiros internacionais, "acéfalos", ou seja, sem um responsável específico aparente quanto à dívida externa, que inibe qualquer possibilidade de recuperação, gerando uma humilhante e injusta dependência dos endividados. Os empréstimos que deveriam favorecer o desenvolvimento contribuem para aumentar o subdesenvolvimento, irreversível, a dependência.

Solidariedade como o caminho da paz

A encíclica aponta a solidariedade como o caminho da Paz, da harmonia de direitos e deveres, perante aquilo que temos em mãos, o mundo. Ela vem como um alerta aos países que causam a pobreza crescente no mundo, os países em desenvolvimento, para que haja uma maior autonomia entre os indivíduos, para favorecer o seu desenvolvimento integral e principalmente uma maior solidariedade entre as nações pobres vizinhas.

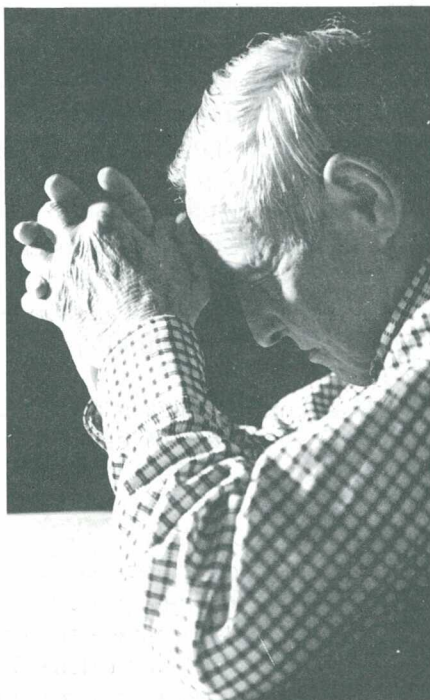
A solidariedade ajuda-nos a ver o "outro" — pessoa, povo, nação — não como um objeto qualquer, que se explora, mas como um nosso "semelhante". Um "auxílio" que se preste, para que ele se torne participante como nós do banquete da vida, ao qual todas as pessoas foram convidadas a participar, através de Deus. Daí a importância em despertar a consciência religiosa dos homens de todos os povos.

O Papa diz que essa interdependência entre as nações seja transformada em solidariedade, baseada no princípio de que os bens da criação são destinados a todos indistintamente. Que todo o imperialismo ostentado por algumas nações seja deixado de lado, fruto de uma conscientização responsável, moral, com relação aos outros. A solidariedade torne-se uma questão de justiça. Um "dever gravíssimo", onde todos, a Igreja, o Estado, as Nações ricas e pobres busquem soluções para amenizar as descomunais desigualdades.

Desenvolvimento, não só técnico

A propriedade só é justa quando a serviço dos que têm necessidades. E para que essa equidade se estabeleça, todas as técnicas, cada uma na sua área de ação, devem ser colocadas à disposição. A Igreja, por seu lado, colabora com sua doutrina social, como especialista em humanidade. Não importa qual seja o sistema econômico ou político, desta ou daquela nação para solucionar os problemas da humanidade padecente, mas, acima de tudo, o que deve ser mantido é a dignidade do homem, respeitada e promovida. Por isso, não se resume apenas em problema "técnico" — o autêntico "desenvolvimento".

O Papa encoraja a todos, acima de qualquer credo, ideologia ou nação a empenhar-se nesta missão de solidariedade. A solidariedade proposta é o caminho para a paz e, ao mesmo tempo, para o desenvolvimento. *Opus solidaritatis pax*: a paz é o fruto da solidariedade, que por sua vez é uma virtude cristã. À luz da fé, tende a superar-se a si mesma. O próximo não é só um ser humano com direitos e deveres e sua igualdade fundamental em relação



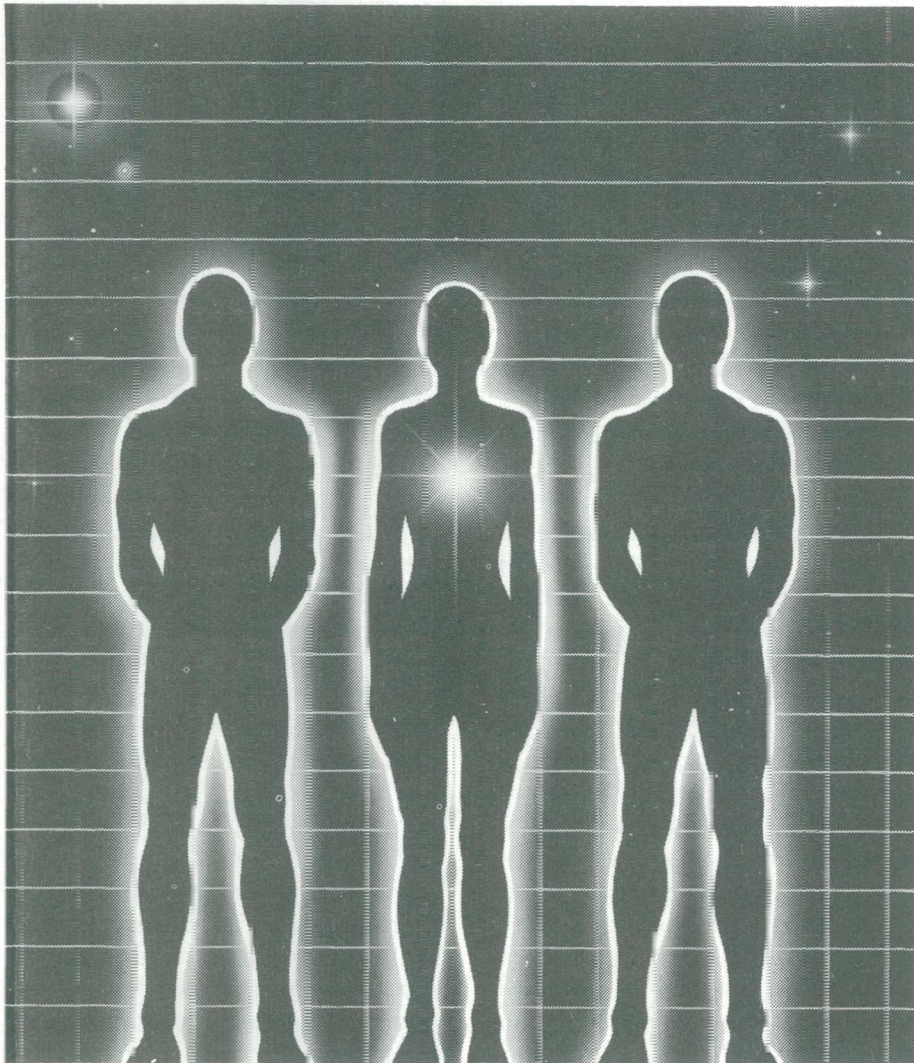
aos demais; mas torna-se a imagem viva de Deus Pai. Por isso, ele deve ser amado, mesmo o inimigo, e devemos estar dispostos ao sacrifício supremo: "Dar a vida pelos próprios irmãos".

Opção preferencial pelos pobres

Ao se ler a encíclica, esta opção preferencial pelos pobres deve ser levada em conta. E à tona vem a libertação. Muito se fala e falou da libertação do homem, só que agora a encíclica classifica a Teologia dessa Libertação como nobre e válida, tal como se apresentou na América Latina, como uma maneira de enfrentar os problemas da miséria, do subdesenvolvimento. João Paulo II proclama essa unidade "corpo-espírito" como indivisível; não se justificando um sem o outro, o homem uno, completo. Conquistas tecnológicas do universo, como bens universais, não devem ser usadas como meios de dominação. Todos aspiram à libertação: a busca do desenvolvimento pleno é sinal do desejo de superar os obstáculos que impedem de usufruir uma "vida mais humana". Só o desenvolvimento econômico não liberta, como também não só o cultural, o transcendental e o religioso libertam. O homem só será totalmente livre quando for "ele mesmo", na plenitude de seus direitos, quando se desenvolve integralmente.

"A doutrina social da Igreja vista como 'uma terceira via'?"

A doutrina social da Igreja não vem como uma "terceira via" entre o capitalismo liberalista e o coletivismo marxista. Nem sequer como uma possível alternativa a outras soluções menos radicais. Tampouco como ideologia, mas a formulação amadurecida, resultante de reflexões atentas sobre as realidades



complexas da existência do homem na sociedade e no contexto internacional, à luz da fé e da tradição da Igreja. Não é pois um projeto para ser posto em execução. Mas esta reflexão sobre o próprio homem, sua dignidade de origem e destino. Um questionamento de estruturas. Sua função é interpretar essas realidades à luz do evangelho, enfim, direcionar o cristão. Ela pertence, por conseguinte, não ao domínio da ideologia, mas da teologia, e especialmente da teologia moral.

Esta consciência do dever que tem a Igreja de "escutar os sinais dos tempos e de interpretá-los à luz do evangelho"; esta missão de "serviço" distinta da função do Estado, mesmo quando ela se preocupa com a sorte das pessoas em concreto. A encíclica está destinada principa-

mente à própria Igreja e a "todos os homens de boa vontade".

À primeira vista, o econômico e social resume o desenvolvimento dos povos. Mas aponta também para o fato de ordem moral, fundamentado na análise objetiva da realidade.

A solidariedade é a saída. Primeiramente, uma solidariedade entre os próprios pobres, fazendo com que transpareçam suas exigências; denunciando as injustiças; proclamando sua dignidade. Depois, uma solidariedade dos cristãos para com os pobres e finalmente a solidariedade dos países ricos para com os pobres.

Hoje, falar de pecado!

Das encíclicas sociais até hoje lançadas, esta usa expressões for-

tes como "pecado social", "estrutura de pecado". Analisa a situação do mundo e a miséria dos povos, sob a luz do Evangelho. Em que a miséria dos povos está totalmente contrária ao Plano do Pai, portanto uma situação de pecado. O Papa, como os antigos profetas, denuncia com coragem a violação dos direitos humanos. E com uma força apostólica anuncia a opção pelos pobres, apontando uma perspectiva de igualdade não só para os indivíduos, mas também entre as nações.

Uma preocupação ecológica

Registramos hoje esta agressão à natureza em vista do interesse meramente econômico, prejudicando a qualidade de vida. Os bens naturais, tecnológicos e humanos têm uma destinação universal a todos. E esta destinação universal dos bens é que explica a expressão usada pelo Papa: "hipoteca social".

O desenvolvimento é o novo nome da paz

O desenvolvimento tem necessariamente uma dimensão econômica, porque ele deve proporcionar ao maior número de pessoas do mundo a disponibilidade de bens indispensáveis para "ser" — realizar sua vocação humana fundamental, mas não se limitando a apenas isso. Ver no desenvolvimento um dom de Deus e uma resposta à vocação do homem, que se realiza plenamente em Cristo. O verdadeiro desenvolvimento está na natureza específica do homem, criado por Deus à sua imagem e semelhança. Deste modo o homem passa a ter uma certa afinidade com as outras criaturas e com ele próprio.

Todos os cristãos, de modo especial, são chamados a descobrir o sentido profundo da sua atividade no mundo em prol do desenvolvimento e da paz, tendo em vista o Reino de Deus, já aqui. ■

ESCÂNDALO E LOUCURA

Milton Schwantes

Lixo é lixo. Não é nada bonito. Ou teria nele alguma beleza? Ao menos o cheiro e o visual não permitem que seja percebida. A olho nu, o fenômeno não passa de algo repugnável. Nem mesmo adicionando gente ao lixo ele cresce com dignidade.

Pessoas que vivem de restos não são nada agradáveis. Fedem o fedor de seu ambiente. As crianças que aí lutam pelo pão são sujas, envelhecidas. Não são lindas, nem belas. Contudo, o apóstolo Paulo se considera "lixo do mundo, escória de todos" (1 Cor 4,13). Entende, inclusive, que nisso reside o evangelho. Isso é estranho. É esquisito. Surpreendente. Afinal, são os pobres que convivem com o lixo. Seu salário é quase nada. O que ganham não corresponde, nem de longe, ao que produzem. Seu salário é uma sobra, um resto, um lixo. E se são assalariados, até se parecem a privilegiados.

A grande massa nem alcança o emprego. Se ajeita. Dá biscate. Está no desemprego. Foi jogada fora. Parece escória. E os deficientes? Os débeis mentais e deformados? Os escondemos. Os separamos. Empestam o ambiente. Fazem mal ao visual. Agridem. São feitos escória. Contudo, entre deficientes, explorados e pobres reside o evangelho. Tem aí sua morada. Esses são o santuário de Cristo.

Evangelizar implica encontrar esse templo de Jesus. A boa nova consiste, pois, em descobrir os fracos. Des-tapar a "escória". Atuar a partir dela. Esta é a dimensão da denúncia da boa nova. Abre os olhos para o que existe. Os donos deste mundo encobrem a miséria. Têm todo um aparato de acobertamento das chagas. Escondem os débeis e os famintos.

O evangelho de Jesus destaca,



abre e remexe essas chagas. Grita: olhem ao redor de vocês: existem milhões de deformações, de carentes, de gente que vende seu corpo. Olhem, vejam, verifiquem! Pobres não caem do céu. Por que seus corpos são tão feios? Sim, o Evangelho abre as feridas e desvenda misérias que a gente não gosta de ver, não quer cheirar, quer desconhecer. Não obstante, as chagas sociais não se esgotam em ser denúncia. Nelas também reside a utopia. São ninhos de esperança.

A Bíblia — este memorial de deficientes e pobres — é um livro de sonhos e desejos estupendos e sensacionais. Sara e Abraão, dois velhinhos, passados os anos, ainda anseiam por uma criança. Os homens hebreus, vítimas de genocídio e de torturas sem fim, vão em busca da terra que emana leite e mel. Os profetas, caluniados e jogados no lamaçal das prisões, cantam o canto da terra sem males, onde espadas viram arados. Mulheres, sem direitos, testemunham a utopia derradeira: a

morte está vencida! Jesus ressuscitou! Portanto, em meio às dores, floresce a esperança. Esta é a inspiração bíblica. Acontece que o nosso Deus assumiu o jeito do pobre. Nasceu ali na estrebaria, em meio aos bichos, ao fedor, ao esterco. Morreu ali na cruz, junto aos marginais. Expirou berros, em dor. Geme gemidos dos pobres. Angustia-se com a angústia de corpos contorcidos, deformados. É qual escória. Seu rosto está aí nos rostos sofridos da gente surrada pela exploração. Seu povo está na cara moída dos pobres desdentados (Is 3,15).

Essa escandalosa solidariedade com os fracos e os párias, com os que "nada são" (1 Cor 1,28), é o evangelho. Jesus, o Cristo, é esta boa nova. Desde o mais ínfimo e insignificante nasce a esperança. Uma esperança ativa. E nisso mora a novidade da boa nova. Experimenta a transformação a partir do que é mais frágil. Não se espera de poderosos e de líderes fortes. Pratica a mudança a partir de monturos (1 Sm 2,28).

COM QUEM VOCÊ ESTÁ FALANDO?

José Wanderley Dias

Você sabe com quem está falando?

Eu sou aquele a quem você não se dignou sequer dar um nome. No máximo, como pária que me fez, sou um João-Ninguém, um zero à esquerda.

Você sabe com quem está falando?

Sou o filho da marafona a quem você prostituiu.

Sou o filho do delinqüente a quem você negou a oportunidade de não o ser.

Eu sou aquele a quem você negou a escola, o alimento, a instrução.

Você sabe com quem está falando?

Com aquele a quem você pediu e de quem obteve o voto.

Mas cujo sufrágio você mercadejou, vendeu no balcão das almas perdidas.

Cujas esperanças você defraudou, cuja confiança você ilaqueou.

Você sabe com quem está falando?

Com aquele cuja miséria foi o alicerce da sua riqueza.

Cuja fome garantiu sua abastança e seu fastio.

Cujos farrapos foram o preço das suas jóias e das suas sedas e cetim.

Você sabe com quem está falando?

Com aquele que foi chamado de ladrão.

Mas que não teve a habilidade que você teve para desviar milhões.

Com o pé-de-chinelo que não soube correr dos cães que você lhe pôs atrás.

Você sabe com quem está falando?

Com aquele que sempre foi posto em último ou em lugar nenhum.

Para quem foram inventadas as fechaduras, nunca as chaves.

Que não pôde beber a água da fonte.

Mas que sorveu, enojado, a que vinha de suas cloacas.

Você sabe com quem está falando?

Com aquele que ouviu suas palavras elevadas, bonitas até.

Mas que eram apenas o disfarce do que você realmente era.

E que eu não tive a inteligência, o preparo para perceber.

Porque você me manteve na escuridão, nas trevas.

Ou ofuscou propositalmente minha visão.

Com a lâmpada incandescente de sua força.

Com a luminosidade insuportável de sua arrogância.

Você sabe com quem está falando?

Com quem não pôde ser tratado com justiça.

Por quem você ensinou, na prática, que, se todos são iguais, alguns são mais iguais que os outros.

Você sabe com quem está falando?

Com a pedra do lado de fora do açude: que ajuda a manter a água mas que não pode sequer receber o seu refrigério e gosto.

Sou aquele a quem, da cartilha da existência, você só mostrou os advérbios de negação; que, na aritmética do viver, só aprendeu o sinal menos e o algarismo zero.

Sou quem incomodava seus cães com o cheiro do suor mal pago.

Sou o escabelo de seus sapatos.

Você sabe com quem está falando?

Você sabe com quem está falando?

Não, claro que não sabe.

Porque sou a voz que seus ouvidos jamais escutaram.

O gemido para quem você se fez mouco.

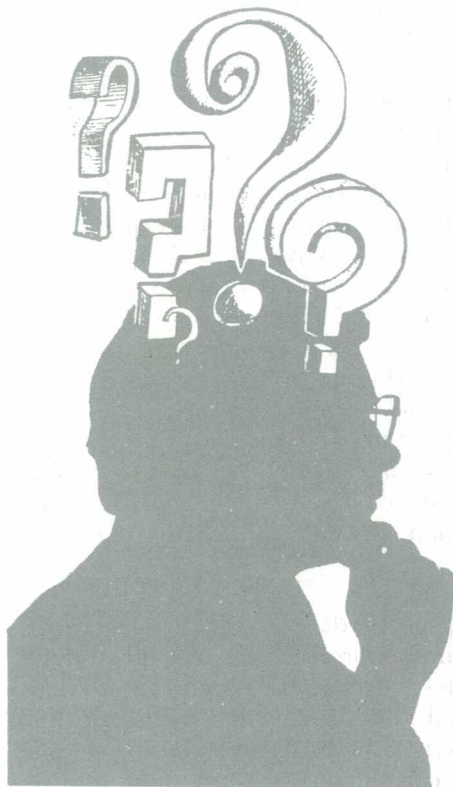
A triste visão para quem você se fez cego.

Aquele que você julgou sempre para condenar.

Não, você não sabe realmente quem sou.

Um dia, porém, você o saberá.

E sinceramente tenho medo do que sucederá então!





1898/1988 — REVISTA AVE MARIA — 90 ANOS



1898/1988 — REVISTA AVE MARIA — 90 ANOS

Cristo Jesus subiu aos céus e preparou, no Reino eterno, um lugar para sua Mãe, a Santa Virgem Maria. "Aqueles que Deus predestinou, também chamou; e os que chamou, também justificou; o que justificou, também glorificou".

(Rm 8,30)

"Sabemos que, se a nossa morada terrestre, que não é senão uma tenda, vem a destruir-se, nós temos um edifício no céu, obra de Deus, uma morada eterna que não é feita por mãos de homens."

(2Cor 5,1)

"BENDITA ÉS TU QUE CRESTE, POIS SE HÃO DE CUMPRIR AS COISAS QUE DA PARTE DO SENHOR TE FORAM DITAS!... POR ISSO, DORAVANTE TODAS AS GERAÇÕES ME PROCLAMARÃO BEM-AVENTURADA, PORQUE O ONIPOTENTE REALIZOU EM MIM MARAVILHAS. SANTO É SEU NOME".

(Lucas 1, 45)

AGOSTO 1988

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
	1	2	3	4 [☾]	5	6
7	8	9	10	11	12 [●]	13
14	15	16	17	18	19	20 [☾]
21	22	23	24	25	26	27 [○]
28	29	30	31			

● Lua nova
☾ Lua crescente

○ Lua cheia
☾ Lua minguante

*Dia 21 - Assunção de Maria -
Fim do Ano Mariano*

A primeira comunidade eclesial, movida pelo medo, reuniu-se em torno de Maria. Buscou segurança junto ao coração materno. Porém o Espírito Santo, que envolveu Maria, rompeu o enclausuramento, dissipou o medo, impulsionou a Igreja para o mundo e entrou na Igreja a

variedade de línguas...

Novo nascimento missionário, Pentecostes - Vaticano II: O Espírito e Maria nas comunidades eclesiais contra o fechamento e o medo.

(Atos 1,12-14; 2,1-47)

“PERSEVERAVAM NA ORAÇÃO COM UM MESMO ESPÍRITO, EM COMPANHIA DE MARIA, A MÃE DE JESUS, E COM OUTRAS MULHERES”

(Atos 1, 14)

SETEMBRO 1988

DOMINGO	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO
<i>Dia 7 - Dia da Pátria</i>		● Lua nova ☾ Lua crescente	○ Lua cheia ☾ Lua minguante	1	2	3 [☾]
4	5	6	7	8	9	10
11 [●]	12	13	14	15	16	17
18	19 [☾]	20	21	22	23	24
25 [○]	26	27	28	29	30	

Maria presente nas Igrejas da Reforma

José Cristo Rey García Paredes

Apesar das discrepâncias de doutrina entre católicos e evangélicos, há muitos pontos fundamentais de concordância. Um deles é: “Maria, mãe do Senhor”. Além disso, o estudo e o culto a Maria nas Igrejas Evangélicas têm aproximado católicos e evangélicos da Mãe de Jesus como “Modelo de Fé”. A presença de Maria nas Igrejas da Reforma tem ajudado os cristãos no acesso a Jesus.



Os cristãos do Ocidente encontram-se divididos em diferentes igrejas e comunidades eclesiais. Há não poucas discrepâncias de doutrina a respeito do mistério e do ministério da Igreja e, às vezes, também sobre a função de Maria na obra de salvação (RM, 30). Mas a encíclica *Redemptoris Mater* continua dizendo: “É muito auspicioso, contudo, que essas Igrejas e Comunidades eclesiais concordem com a Igreja Católica em pontos fundamentais da fé cristã, inclusive no que concerne à Virgem Maria. Com efeito, ela é reconhecida como *mãe do Senhor*, considerando que isto faz parte de nossa fé em Cristo, o verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Estas comunidades olham para Maria que, aos pés da cruz, acolhe como filho o discípulo amado, o qual, por sua vez, a recebe como mãe.

Como bem disse J.P. Gabus, depois de alguns séculos de esquecimento, chegou para a teologia protestante a hora de “ocupar-se com o dossiê de Maria”, porque Maria não é apenas católica; ela é também evangélica, tal como reivindicaram, em 1982, as Igrejas alemãs

evangélico-luteranas. Constata-se, de fato, em alguns autores protestantes, novas posturas em favor da maternidade divina de Maria, de sua virgindade, de sua santidade e, às vezes, de sua mediação. O mosteiro protestante de Taizé fornece o culto mariano. Entre os anglicanos tem havido recentemente iniciativas em favor do culto a Maria e estudos doutrinários sobre a maternidade espiritual, a imaculada concepção e a assunção. O aprofundamento nos dados bíblicos está favorecendo uma maior aproximação doutrinal entre católicos e protestantes. Em recente entrevista, o dr. Martin Kruse, presidente do Conselho da Igreja Evangélica na Alemanha, de certa forma “sucessor de Lutero”, dizia: “Em nosso livro geral de cânticos da Igreja, os cânticos correspondentes à época da Reforma são louvores e hinos a Maria como mãe de Deus. O *Magnificat*, ‘aperfeiçoado’ por Lutero, é um de seus escritos mais profundos e belos. Para os luteranos, Maria é *modelo de fé* e, como tal, está estreitamente vinculada à Bíblia. Maria é, ao mesmo tempo, o protótipo da fé cristã e não se pode deixá-la de lado. Ao contrário, este aspecto da piedade mariana está muito próximo de nós, protestantes... Achemos, porém, muito difícil ver Maria como mediadora da Graça... A Igreja luterana alemã acaba de publicar um estudo intuitivo

lado “*Que significa Maria para nós?*” Trata-se de uma tentativa de acolher Maria de forma mais concreta, na consciência protestante... Maria pode converter-se num laço de comunhão entre protestantes e católicos, enquanto *modelo de fé*”. Nessa linha está também a encíclica quando afirma: “É necessário que os cristãos aprofundem em si mesmos e em cada uma de suas comunidades aquela ‘obediência da fé’, da qual Maria é o primeiro e mais claro exemplo” (RM, 29).

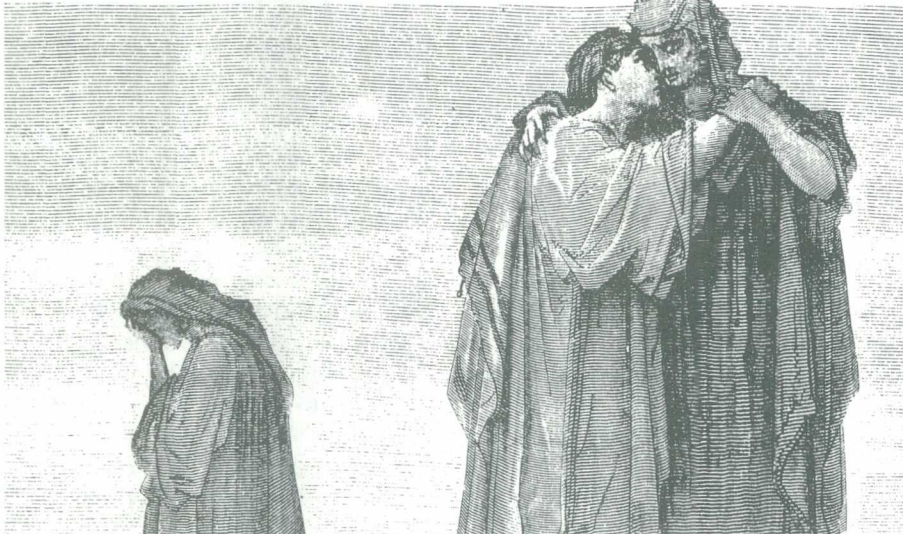
Maria não deixou de estar presente nas Igrejas da Reforma. Maria, que acolheu incondicionalmente a palavra, que foi “a primeira fiel a Deus”, não pode ser estranha a nossos irmãos separados, tão estreitamente vinculados à palavra e à fé. Maria não impede, de modo algum, o acesso a Jesus. E sua transparência, é seu testemunho, é a chave para compreendê-lo melhor: “Se o mistério do verbo encarnado nos permite vislumbrar o mistério da maternidade divina... a contemplação da mãe de Deus, por sua vez, nos introduz numa compreensão mais profunda do mistério da Encarnação... Os Cristãos, desejosos de fazer — como lhes recomenda sua mãe — o que Jesus lhes diz (João 2, 5), poderão caminhar juntos naquela ‘peregrinação de fé’, da qual Maria é exemplo e que deve guiá-los à unidade querida por seu único Senhor, tão desejada por aqueles que estão atentamente ouvindo o que hoje o Espírito diz às Igrejas (Apocalipse 2, 11-17)” (RM, 30). ■

(José C.R. García Paredes é sacerdote claretiano, professor de teologia e diretor da revista Vida Religiosa, em Madri)

Tradução: Suely Mendes Brazão

MORTE E VIDA

Myrian Vallias de O. Lima



Em outubro do ano passado apresentei-lhes: "Reflexões sobre o nascer e o morrer". No mês seguinte: "O viver e o sentido da morte". Alguns leitores me telefonaram ou escreveram, querendo um aprofundamento no assunto, pedindo mesmo inclusive a indicação de livros a respeito.

Curiosamente, no mesmo mês, encontrei-me em Minas com meu irmão caçula e nos pusemos a discorrer sobre o significado da vida e da morte. Quando lhe falei que havia escrito sobre o tema, Marcos sorriu e foi-me buscar um poema seu. Com sua permissão, compartilho-o com vocês.

*Com o coração vazio,
o Homem agonizava seu instante divino,
nos momentos que chamamos MORTE.*

*O pulsar do coração era como um eco,
recordando badaladas dos sinos,
nas lembranças da VIDA.*

*VIDA E MORTE...
MORTE E VIDA!...
Os extremos chocam-se e confundem-se;*

*e o Homem agonizante, sem saber, não sabia...
se estava MORRENDO a VIDA,
ou VIVENDO a MORTE.*

*Oh! Mistério doce e amargo,
profundo e eterno:
os homens não te compreendem,
pois ora vêem a ti, vestido de luz,
ora num manto de trevas.
Aqui, alguns sorriem e te consagram em plena aurora do dia,
e chamam-te VIDA!...
Acolá, outros, chorando, entoam cânticos de dor,
na masmorra das sombras noturnas,
e chamam-te MORTE!...*

*Oh! Instante divino e cruel,
não passas de uma ilusão.
Não existe a VIDA e tampouco a MORTE;
o que existe certamente é o renascer em cada momento,
ora nos passos da VIDA,
ora nos rastros da MORTE.
VIVENDO sempre!
MORRENDO sempre!
RENASCENDO...*

ETERNAMENTE!...

Marcos Vallias

JOVEM, DEFENDA MINHA DIGNIDADE E MEU VALOR!!!

Acreditamos no direito que a mulher tem de ser e viver como pessoa, imagem de Deus.

Nós temos este Ideal:

— Seguir Cristo Redentor e atender ao clamor das jovens e mulheres marginalizadas.

**VOCÊ QUER SE
JUNTAR A NÓS?**

**IRMÃS OBLATAS DO
SANTÍSSIMO REDENTOR**

Escreva para o Centro Vocacional:

Rua Acuruí, n.º 552

Vila Formosa

03355 - São Paulo (SP)

Tel.: 295-9069

*Senhor,
o nosso coração
está inquieto...*

(S. Agostinho)

*Você não está
inquieto? inquieta?
Jovem, qual o seu ideal?*

**VIDA RELIGIOSA
AGOSTINIANA:**

- Vida de oração
- Comunidade Fraternal
- Serviço ao povo de Deus: evangelização, educação, promoção humana, missão, CEBs.

INFORMAÇÕES EM NOSSO
SECRETARIADO VOCACIONAL
Irmãs Agostinianas Missionárias
Padres Agostinianos
R. Eng. Figueiredo, 31 - Vila Mariana
04012 - São Paulo - SP
Fone: (011) 571-8959

ERRATA

Na revista n.º 6 — junho de 88 — os ingredientes do "Prato Principal" correspondem aos ingredientes da "Sobremesa"; e vice-versa.

JANTAR SIMPLES

ENTRADA: Sopa de aveia

Rendimento: 2 a 3 pessoas

Ingredientes:

1/2 litro de caldo de carne
2 colheres (sopa) de aveia
pão torrado

1. Faça meio litro de caldo de carne.
2. Adicione 2 colheres (sopa) de aveia e deixe cozinhar.
3. Tempere a gosto e sirva com pão torrado.

PRATO PRINCIPAL: Couve-flor au gratin

Rendimento: 3 a 4 pessoas

Ingredientes:

1 couve-flor
2 colheres (sopa) de claybom
1 xícara (chá) de queijo parmesão ralado
2 colheres (sopa) bem cheias de farinha de rosca
água
leite
sal

1. Corte a couve-flor em buquês, lave-a bem e cozinhe com leite, água, em partes iguais, e um pouco de sal.
2. Unte um pirex com claybom. Arrume, por cima, os galhos de couve-flor.
3. Regue com claybom derretido, polvilhe com farinha de rosca e, por cima, espalhe o queijo ralado.
4. Leve ao forno durante uns dez minutos, para corar.

Obs.: Qualquer outro vegetal *au gratin* pode ser feito da mesma maneira.

ACOMPANHAMENTO: Croquetes de carne

Rendimento: 3 a 4 pessoas

Ingredientes:

500 g de carne assada com o respectivo molho
1 ovo inteiro
1 colher (sobremesa) rasa de claybom
farinha de trigo
pimenta-do-reino
salsa picadinha
gotas de molho inglês
ovos batidos
farinha de rosca
óleo

1. Passe a carne assada na máquina de moer.
2. Junte o molho à carne. Se quiser, tempere com cebola ralada.
3. Acrescente pimenta, molho inglês, claybom, salsa picadinha e o ovo cru.
4. Junte um pouco de farinha de trigo diluída em leite. A quantidade depende da maior ou menor quantidade de molho.
5. Leve ao fogo e mexa bem até conseguir a massa consistente, porém macia.
6. Deixe esfriar e faça os croquetes.
7. Passe-os nos ovos batidos, na farinha de rosca e frite-os no óleo bem quente.

SOBREMESA: Pavê de pobre

Rendimento: 4 pessoas

Ingredientes:

1 pacote de palitos franceses
rum misturado com água e açúcar
amendoim torrado e socado

creme:

3 xícaras (chá) de leite
2 colheres (sopa) de maisena
4 colheres (sopa) de açúcar
2 gemas

1 colher (sopa) de claybom

1 colher (sopa) de rum

gotas de baunilha

2 colheres (sopa) de chocolate em pó

1. Prepare o creme: leve o leite ao fogo com o açúcar. Quando ferver junte a maisena dissolvida no leite e as 2 colheres (sopa) de chocolate. Mexa até encorpar.
2. Tire do fogo, junte a baunilha, o rum e a gema. Mexa no fogo por instantes, até formar bolhas, sem deixar subir a fervura.
3. Tire e acrescente o claybom.
4. Embeba os biscoitos no rum e arrume-os numa travessa: seis biscoitos, uma camada de creme de chocolate, mais biscoitos, mais creme, até terminar. Ponha o creme bem quente.
5. Terminando os biscoitos, cubra o doce com o resto do creme de chocolate, polvilhe com os amendoins e leve ao refrigerador.

A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Qual é a ação do Espírito Santo? (2061)
(M.G.N. - Itabirito, MG)

A espiritualidade cristã é trinitária: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. O caminho que nos leva ao Pai compõe-se de um seguimento do Cristo (Filho) e também de uma visão segundo o Espírito. Cristo, enviado pelo Pai, atua hoje (depois da sua Ressurreição) por meio de seu Espírito. É o Espírito que nos impulsiona e conduz no seguimento de Jesus. A nossa espiritualidade não se limita ao seguimento de Jesus (Cristo como caminho), mas é preciso também viver a vida de Jesus (Cristo como vida) pelo Espírito.

Pelo Espírito que Cristo derramou sobre o mundo, não só imitamos a Cristo, mas nos transformamos nele e com ele em filhos de Deus. É isto o que costumamos chamar de "vida da graça", ou, como diz o evangelho de S. João, "nascer do alto" (3,1-15). Esse nosso renascimento, pessoal e coletivo, é fruto da obra do Espírito, e para percebermos essa ação temos que deixar o Espírito agir em nós. E o Espírito agindo produz em nós os frutos, que são: "a caridade, alegria, paz, paciência, afabilidade, bondade, fidelidade, brandura, temperança" (Gl 5,22-23).

O dom do Espírito é, também, coletivo, foi oferecido no dia do Pentecostes (At 2,1-13). E hoje é oferecido a todos os povos, à sociedade, às culturas, e de maneira decisiva e plena à Igreja. Renovar-se a si mesmo e renovar a Igreja é deixarmos conduzir pelo Espírito. A Igreja nos faz orar e pedir ao Espírito que

"renove a face da terra" e "recrie todas as coisas". Para a Igreja, o Espírito é o Espírito de Verdade (Jo 16,13), que na história conduz os cristãos a renovarem-se continuamente segundo a verdade evangélica. O Espírito garante a juventude da Igreja, de suas instituições e opções, onde houver renovação verdadeira, aí estará o Espírito atuando, que é fonte viva (Jo 7,38).

A vida segundo o Espírito, com a qual nós cristãos vivemos em determinado contexto histórico-social, não é independente dos dinamismos históricos, sociais e culturais do lugar em que ele é vivido. O Espírito se transmite plenamente na Igreja, mas manifesta-se também nos dinamismos da história, sociedade, em seus valores e suas aspirações.

O processo de nossa fé, o caminho da conversão, o conhecimento de Jesus Cristo, o amor por Ele, o desejo de segui-lo, tudo isso deve-se à intervenção do Espírito. Os carismas, os ministérios, os chamados e vocações na comunidade são sempre intervenções do Espírito, que leva os que crêem a seguir Jesus desta ou daquela forma. Apresentamos aqui alguns textos da Sagrada Escritura que falam do Espírito: Nm 11,16-30 — um novo profeta; 2Rs 2,1-18 — o Espírito de Elias repousa sobre Eliseu; Is 11,1-5 — o Espírito de Deus sobre o rei; Lc 4,16-21 — o Espírito Santo sobre Jesus; Jo 14-16 — promessas do Espírito; At 2,1-13 — a vinda do Espírito Santo; 1Cor 12-14 — o Espírito Santo em São Paulo e Jo 3,24-4,6 — reconhecer o Espírito que nos foi dado. ■

Pe. Alceu Luiz Orso

Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.

Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta.

Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.

**Correspondência para: Equipe Consultório Popular
Caixa Postal 153 — CEP 80.000 — Curitiba (PR).**

Continuando a refletir sobre a pré-evangelização, depois de conhecermos a evangelização dos pagãos, conheceremos a:

2. Pré-evangelização dos judeus

Para os judeus, a preparação para receber o "Anúncio da Salvação" (Querigma-Kérigma) é diferente da dos pagãos: trata-se de mostrar-lhes que não há motivos para rejeitar Jesus como Messias.

São Justino mostra-se compreensível e acolhedor (atitude que tinha também com os pagãos); e isto não o impede de ser franco ao criticar a rejeição dos judeus por Jesus Cristo.

Um dos problemas que ele enfrenta é provar que o texto da Escritura Sagrada que ele usa é autêntico, dado que eram veiculadas várias traduções na época, e nem todas fiéis ao original.

Porém sua maior dificuldade é demonstrar a realização das Escrituras em Cristo. Seguindo de perto o método do Evangelho de Mateus, Justino mostra aos judeus a realização em cada fato de sua vida de determinada profecia. Mas ele deve admitir que determinadas profecias do Antigo Testamento ainda não foram cumpridas, mas irão se cumprir com a segunda vinda de Jesus, chamada pelos teólogos de Parusia.

Por meio de Jesus Cristo, Deus salva o homem para depois ressuscitá-lo e julgá-lo

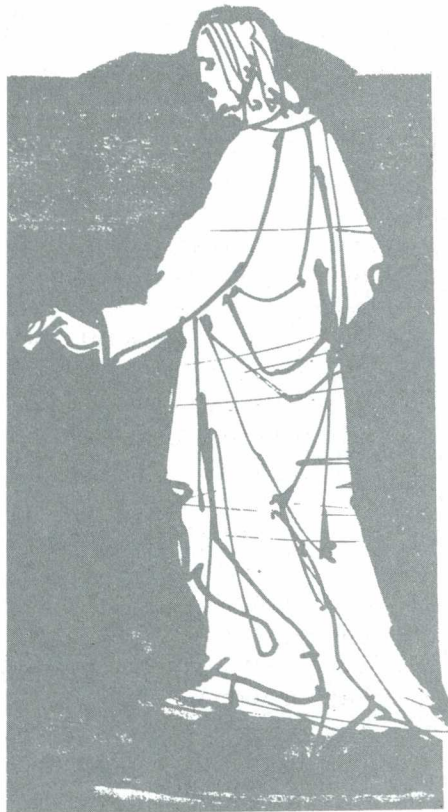
II. O CONTEÚDO DO KERIGMA

1. A doutrina sobre Deus

Como São Paulo na catequese aos gregos, feita no Areópago (At 17,19-34), também os apologistas (padres que discursavam em defesa da Fé através de louvores) começavam a exposição do Kerigma com a prova da existência de Deus através da ordem do cosmos, Deus princípio de tudo, eterno, imortal, imutável e sem necessidades. São Paulo coloca o Deus dos cristãos em relação com o juízo no final da história, fazendo-os assim pensar em sua própria vida.

2. A apresentação de Jesus Cristo

Eis um texto de louvor e defesa da Fé, apologético, de Aristides de Atenas em que é feita a apresentação de Jesus Cristo (é um resumo da história evangélica): “Os cristãos colocam sua origem no Senhor Jesus Cristo que se manifestou como Filho de Deus Altíssimo no Espírito Santo. Ele desceu do céu para a salvação dos homens. E, gerado por uma virgem santa, sem germe nem corrupção, tomou carne e apareceu aos homens para afastá-los do erro e da multidão de deuses. E, tendo cumprido seu maravilhoso plano, e



depois de três dias, conforme as escrituras, ressuscitou e subiu aos céus. Tu, ó rei, podes conhecer a glória de sua vinda (parusia), se leres aquela que entre os cristãos é chamada a escritura evangélica. Ele teve 12 apóstolos que, depois da ascensão, foram pelas províncias do império e ensinaram a grandeza de Cristo”.

Outro tema da filosofia grega: sendo Deus transcendente (que não está visível entre nós), deve haver um intermediário entre Ele e o mundo. Os apologistas mostram que em Cristo, Deus encarnado, se realiza a ligação entre Deus e os homens.

3. A doutrina sobre a ressurreição

Ao falar sobre a ressurreição para os atenienses, São Paulo encontrou muita dificuldade, conforme podemos constatar na leitura de At 17,32 e também com o romano Festo (At 26,23-24).

Se isso foi difícil entre os não-cristãos, mesmo entre eles não foi tão fácil (confirmamos em 1Cor 15,12). Nem por isso tanto Paulo como os primeiros catequistas podiam renunciar a esse mistério central de nossa fé (1Cor 13-15).

A ressurreição sempre esteve ligada ao tema da conversão tanto aos judeus (At 3,19-26; 5,31; 10,43; 13,38) como aos pagãos (At 17,30; 26,20).

Esta *vida nova* de convertidos está muito ligada à *vida cristã da comunidade* (At 2,42-47; 5,12-14).

Resumindo:

O conteúdo do Kérigma (Anúncio) nos séculos II e III pode ser assim apresentado: Deus uno e criador se manifesta aos homens por meio de Cristo, sua Palavra, primeiro para salvá-los e depois, no final dos tempos, para ressuscitá-los e julgá-los. A comunidade cristã é testemunha disto.

E você, minha irmã e irmão catequista, dá aos seus catequizandos testemunho do ressuscitado? ■

Pe. Eugenio Pessato, cmf

A RENOVAÇÃO DA LEI EM JESUS

22.º domingo do tempo comum
28/08/88

1.ª leitura: Dt 4, 1-2. 6-8

Para o povo de Israel a lei dada por Deus era um dom de riqueza sem igual. Era uma proteção e garantia contra a arbitrariedade e desunião, já que esta representava a certeza da presença de Deus junto ao povo e sua autenticidade diante de outras nações.



2.ª leitura: Tg 1, 17-18. 21b-22. 27

Para São Tiago a tentação é encarada como um momento para provar a virtude. Neste sentido Tiago afirma Deus como princípio de todo bem que nos regenera como seus filhos, pela força de sua palavra ouvida e vivida, e nos gera para uma nova vida, caracterizada pela prática da justiça e do amor, principalmente na busca de libertar os mais marginalizados e oprimidos da sociedade.

Evangelho: Mc 7, 1-8a. 14-15. 21-23

O tema da pureza e da impureza é uma constante na literatura deuteronômista, constando de várias prescrições e normas que visam a garantir o verdadeiro culto a Deus em Israel. Com o tempo estas tradições perderam sua razão de ser, tornando-se caducas e ocultando a infidelidade de certas castas que se beneficiavam do culto em Israel.

Jesus mostra que estas tradições sufocam o verdadeiro culto a Deus, que por sua vez não se reduz às práticas exteriores e formais. Em seu evangelho Marcos busca mostrar o impacto da revelação de Jesus como pessoa e a novidade de sua mensagem, instaurando uma nova mentalidade social e religiosa.

Comentário

Desde o início de sua pregação Jesus afirma sua independência diante das tradições judaicas de seu tempo, que se tornaram pouco a pouco ultrapassadas. A observância, sem dúvida, teve grande eficácia diante da influência pagã dos povos vizinhos, mas que por outro lado acabou por acentuar demais o ritualismo, colocando em segundo plano o espírito de fraternidade humana e justiça social.

A primeira leitura descreve o alto valor da lei, capaz de garantir a organização sócio-política e cultural na posse da Terra Prometida. No exílio, onde prova-

velmente se originou este texto, aumentou muito a nostalgia em relação à lei, como meio para a restauração do povo eleito.

Porém, o excesso de proteção à lei acabou tornando inacessível a sua prática comunitária, principalmente para o povo simples que não dispunha de tanto tempo para a observância, o que acabou gerando divisão entre os observantes (bons judeus) e não observantes (maus judeus).

Jesus scandaliza ao manter, como rabino em Israel, contato com pessoas consideradas impuras (leproso, hemorraíssa) e mais ainda ao denunciar a farsa de tais concepções, priorizando o interior, o coração das pessoas. Jesus, na novidade de sua pregação, passa a ser encarado como um destruidor da identidade judaica. Não deixa no entanto de afirmar a verdadeira religião como causa de fraternidade, justiça e união na fidelidade à autêntica lei do amor (2.ª leit.).

DIA 29, 2.ª-f.: Jr 1, 17-19; Mc 6, 17-29. DIA 30, 3.ª-f.: 1Cor 2, 1-5; Lc 4, 16-30. DIA 31, 4.ª-f.: 1Cor 3, 18-23; Lc 5, 1-11. SETEMBRO. DIA 1, 5.ª-f.: 1Cor 3, 18-23; Lc 5, 1-11. DIA 2, 6.ª-f.: 1Cor 4, 1-5; Lc 5, 33-39. DIA 3, SÁBADO: 1Cor 4, 6b-15; Lc 6, 1-5.

SEM OPRESSÃO, PODEMOS FORMAR O REINO DE DEUS

23.º domingo do tempo comum
04/09/88

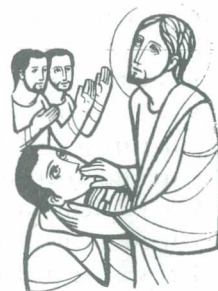
1.ª leitura: Is 35, 4-7a.

2.ª leitura: Tg 2, 1-5.

Evangelho: Mc 7, 31-37.

Como fazer bem a evangelização hoje? Como ser e anunciar o Reino de Deus na atualidade de nossa realidade? É possível ser força libertadora para pobres e para ricos? Desde a prática de Jesus, as tradições religiosas judaicas, como todo o Antigo Testamento, recebem sangue novo.

São criticados e purificados de tudo aquilo que oprime, cega, sufoca a liberdade dos verdadeiros adoradores de Deus Pai. Surge uma nova práxis, uma nova ética, um novo modo de se posicionar diante de Deus, que é Pai de todos os homens sem distinção; perante os homens, todos são próximos, filhos de Deus e portanto irmãos; perante o mundo, as coisas, a sociedade, a lei, o direito, a economia, a política e a famí-



lia. Tudo isso são manifestações do Reino de Deus quando libertam o homem e o tornam mais consciente e responsável por sua dignidade e vocação. Neste mundo, a pessoa é o ser que mais tem dignidade porque é a única realidade irrepetível. Por isso, a pessoa deve ser valorizada por sua dignidade mesma e não por sua inteligência, por sua raça ou por sua riqueza. Do contrário, teremos discriminação. Dentro de nossa sociedade, têm de ser reconhecidos os direitos dos pobres, eles têm dignidade como todos os homens. Se Deus não exclui ninguém, também a sociedade não pode excluir quem quer que seja. Devemos, pois, alertar a sociedade para olhar mais para a condição social dos pobres. Quem vive com base nesta perspectiva, não é mais surdo-mudo, coxo, leproso; vai tornando-se um germe da graça de Deus no mundo, um homem novo.

Desde o Concílio Vaticano II, a Igreja na América Latina tornou-se menos surda-muda, menos coxa ao reconhecer suas falas na evangelização e ao manifestar o ardente desejo de assumir uma práxis radical e mais conseqüente em favor dos oprimidos, não mais compactuando com os ricos nem com aqueles que detêm o poder e escravizam os homens. Hoje, somos desafiados a ser profetas e compartilhar com todos aqueles que anseiam por uma nova sociedade na qual não haja ricos e pobres, oprimidos e opressores. Jesus Cristo traz a libertação para todo homem e faz com que o homem fique de novo ante o único necessário: Deus. Naturalmente, diante do único necessário, todos os outros valores ficam relativos. Os ídolos já não são mais ídolos. Na morte e ressurreição de Jesus temos a reconciliação do homem com Deus, com ele mesmo, com os outros homens e com a natureza. O que seria para nós, para cada cristão hoje na realidade brasileira, ser-lhe restituído o direito de ouvir e de falar?

Como Igreja Povo de Deus, devemos falar a mesma linguagem do mundo. Devemos tomar a sério a realidade do mundo. Um mundo que se proclama adulto, secularizado. Temos que compreender que este mundo tem seus valores e aceitá-los. No diálogo, os dois falam e os dois escutam. O mundo tem valor que oferecer e que receber, assim também a Igreja Povo de Deus. Conseqüentemente, é urgente descobrir os sinais dos tempos. Descobrir a presença da ação do Espírito de Deus na sociedade porque o Espírito não é monopólio da Igreja. Ele age livremente no mundo. Só nesta perspectiva poderemos fazer presente o Reino de Deus instaurado por Cristo e colaborar com a sociedade para que cresça a graça de Deus.

SETEMBRO. DIA 5, 2ª-f.: 1Cor 5,1-8; Lc 6,6-11. **DIA 6, 3ª-f.:** 1Cor 6,1-11; Lc 6,12-19. **DIA 7, 4ª-f.:** 1Cor 7,25-31; Lc 6,20-26. **DIA 8, 5ª-f.:** prs. Mq 5,1-4a ou Rm 8,28-30; Mt 1,1-16.18-23 ou abrev. 18-23. **DIA 9, 6ª-f.:** 1Cor 9,16-19.22b-27; Lc 6,39-42. **DIA 10, SÁBADO:** 1 Cor 10,14-22; Lc 6,43-49.

JESUS CRISTO É O NOSSO ÚNICO SENHOR

24.º domingo do tempo comum
11/09/88

1.ª leitura: Is 50,5-9a.

2.ª leitura: Tg 2,14-18.

Evangelho: Mc 8,27-35.

“E vós, quem dizeis que eu sou?” (Mc 8,29). É a pergunta que Jesus faz para todos os seus discípulos a cada momento, em cada época histórica. Em cada cultura que entra em contato com o Evangelho volta a soar fortemente esta questão. Como dizer quem é Jesus? Para uns, esta pergunta não tem lugar, é supérflua; porque nossa fé em Cristo de uma vez por todas está baseada na confissão de Pedro: “Tu és o Messias” (Mc 8,29b). Por outro lado, para outros ainda não conseguimos responder ao mundo e aos homens quem é Jesus. Basta olhar para nossa realidade sócio-político-econômico-religiosa e cultural. Os cristãos, somos chamados a dizer que Jesus é Senhor, assumindo, na própria existência, as conseqüências que derivam desta confissão de fé. Somos chamados a tornar presente no mundo o grande mistério de nossa fé: a encarnação de Deus na pessoa de Jesus e sua contínua presença no meio dos homens. Ademais, dizer que Jesus é Senhor significa retirar do mundo todos os falsos “senhores” que no decorrer da história nos têm oprimido com sua prática devastadora da pessoa humana. Todavia, não basta uma simples declaração formal, é necessário que a confissão de fé, de que Jesus é Senhor, desça até o terra-a-terra, na nossa realidade e produza um novo jeito de ser homem. Jesus se dá a conhecer na história, no relacionamento entre os homens. “E vós, quem dizeis que eu sou?” E vós, latino-americanos, brasileiros, quem dizeis que eu sou? A resposta a esta pergunta deve ser pública ante os homens, levando-os a se posicionarem diante da crise da família, da política que não se baseia nos valores essenciais do Evangelho, da desintegração das comunidades cristãs locais, da pouca solidariedade de umas Igrejas junto ao subdesenvolvimento e marginalização dos homens. Ser cristão, hoje, tem necessariamente esta implicação. Porém, a vivência da fé em Jesus Cristo se dá numa comunidade concreta. Deus se nos manifesta vivendo e atuando de modos diferentes o Pai, o Filho e o Espírito Santo; porém numa unidade incomensurável. É nesta relação amorosa, diríamos hoje democrática, de Deus que devemos buscar os fundamentos



de nossa missão e de nosso testemunho de que Jesus é o Senhor que determina, por assim dizer, as outras confissões que teremos, necessariamente, de fazer durante o decurso de nossa vida. Assim como é inconcebível um Deus solidão, é inaceitável um homem fechado em si mesmo, longe dos outros; seria tudo, menos homem. Porque foi Deus quem quis, em primeiro lugar, que o homem vivesse de forma social; e nós, por conseguinte, devemos querê-lo, pois a vida em comunhão faz com que sejamos melhores, introduz-nos mais facilmente na vida divina da caridade e da justiça, ajudando-nos a descobrir quem somos, o que queremos e porque o queremos, abre-nos, transforma-nos, mostra-nos nossas qualidades e nossos limites. Além disso, faz com que nos tornemos fecundos, participantes da alegria de Deus. O homem que ainda hoje traz o perfume de Deus na própria carne, tem de desejar a vida em sociedade. Quem não for capaz de abrir-se para um encontro com o outro, amparando-se no amor de misericórdia de Deus, pode estar certo de que jamais conseguirá confessar que Jesus é Senhor.

DIA 12, 2ª-f.: 1Cor 11,17-26.33; Lc 7,1-10. **DIA 13, 3ª-f.:** 1Cor 12,12-14.27-31a; Lc 7,11-17. **DIA 14, 4ª-f.:** Nm 21,4b-9 ou Fl 2,6-11; Jo 3,13-17. **DIA 15, 5ª-f.:** 1Cor 15,1-11; Lc 7,36-50 ou prs: Hb 5,7-9; Jo 19,25-27 ou Lc 2,33-35. **DIA 16, 6ª-f.:** 1Cor 15,12-20; Lc 8,1-3. **DIA 17, SÁBADO:** 1Cor 15,35-37.42-49; Lc 8,4-15.

DEUS NÃO QUER QUE O HOMEM SOFRA

25.º domingo do tempo comum
18/09/88

1ª leitura: Sb 2,12.17-20.

2ª leitura: Tg 3,16-4,3.

Evangelho: Mc 9,30-37.

Somos convidados hoje a refletir sobre o tema do sofrimento. Por que sofremos? Para que tanto sofrimento? Como ver um sentido no sofrimento dos inocentes? Para a religião de Israel, a causa do sofrimento é o pecado. Para os judeus o inocente sofria por Deus. É um sofrimento expiatório em favor do povo; tinha valor. Lutar contra o sofrimento era lutar contra o pecado. Já os gregos não se perguntam pela causa do sofrimento. O sofrimento é destino, fatalidade e torna-se um duro e necessário aprendizado que conduz à sabedoria. Não aceitam a práxis contra o sofrimento. Os romanos tinham a mesma tradição dos gregos. O sofrimento era parte integrante da vida. Procuravam que os cidadãos sofressem pelo império romano. O budismo pensa que



a fonte de sofrimento está dentro de nós mesmos. A práxis deve triunfar sobre os desejos. O estoicismo fala de modo semelhante. Para o estoicismo, são as paixões que causam o sofrimento. A práxis deve triunfar sobre os desejos desordenados. Para o marxismo, as causas do sofrimento são as injustas estruturas sócio-econômico-políticas nas quais está inserida a sociedade. A práxis contra o mal seria a práxis revolucionária contra as estruturas injustas.

Nesta perspectiva, podemos elencar três tipos de sofrimento. O primeiro é um sofrimento que nasce da liberdade do homem. O conceito de liberdade da criatura contém a possibilidade do sofrimento. Deus quer a liberdade e quer a possibilidade do sofrimento. O homem é livre porque pode fazer seus próprios projetos, porém tem a possibilidade de se autodestruir. O homem que se fecha a Deus vai se tornando um germe de destruição no mundo. A dor que nasce da autodestruição influi no corpo social, provocando-lhe sofrimento. Cada homem desintegrado torna-se uma mediação da desgraça no mundo. Portanto, a liberdade supõe o sofrimento pessoal e social. Grosso modo, dizemos que há uma solidariedade no mal. Deus tudo pode, mas não obriga o homem a amá-lo porque o amor é livre, espontâneo. Um segundo tipo de sofrimento nasce da mesma criação, da evolução do mundo. Para que haja possibilidade de vida existem muitas possibilidades de morte. A natureza é vida e morte. O sofrimento proporciona o processo evolutivo. Se Deus quer a liberdade do homem e se quer que ele esteja envolvido no mundo da evolução, quer também o sofrimento. O sofrimento é o preço da liberdade e da evolução, na qual o homem é o protagonista. Deus não quer o sofrimento que deriva do pecado, mas Deus age a partir do amor, deixa o homem livre. No Antigo Testamento, Deus é libertador, tem compaixão, co-sofre com o povo. No Novo Testamento, a compaixão de Deus chega a seu cume em Jesus Cristo que sofre e co-sofre com o povo. Vence a dor desde dentro. A cruz de Jesus Cristo é resultado de sua revolta contra o sofrimento. É uma realidade positiva porque foi acompanhada de uma promessa de vida: ressurreição. O terceiro tipo de sofrimento é o sofrimento que nasce da solidariedade e da luta, por amor, contra o sofrimento. É um sofrimento que causa alegria e serenidade. Tem sentido. É fruto de uma liberdade corajosa de uma pessoa totalmente livre. É sofrimento que amadurece, nos solidariza com Cristo sofredor e supre no mundo o que ainda falta à paixão de Cristo (cf. Cl 1,24). O homem tem que lutar até a morte contra o sofrimento, pois Deus não quer o sofrimento. O sofrimento não tem a última palavra, senão Deus.

DIA 19, 2ª-f.: Pr 3,27-34; Lc 8,16-18. **DIA 20, 3ª-f.:** Pr 21,1-6.10-13; Lc 8,19-21 ou prs: Sb 3,1-9 ou Rm 8,31b-39; Lc 9,23-26. **DIA 21, 4ª-f.:** Ef 4,1-7.11-13; Mt 9,9-13. **DIA 22, 5ª-f.:** Ecl 1,2-11; Lc 9,7-9. **DIA 23, 6ª-f.:** Ecl 3,1-11; Lc 9,18-22. **DIA 24, SÁBADO:** Ecl 11,9-12,8; Lc 9,43b-45.

APARECIDA D'OESTE



A 670 km de distância da capital do Estado de São Paulo encontramos o município de Aparecida D'Oeste, com 247 km² de extensão.

Limita-se com as seguintes cidades: Marinópolis, Palmeira D'Oeste, Sud Menucci, Três Fronteiras, Santa Fé do Sul e Pereira Barreto. Sua altitude é de 400 metros acima do nível do mar e a temperatura média anual é de 28° centígrados.

A cidade de Aparecida D'Oeste foi criada como município no dia 22 de março de 1965. Sua população está estimada em 6.858 habitantes.

Como aspectos sócio-culturais encontramos: 1 escola de primeiro grau, 1 escola de 2.º grau, 3 igrejas, 1 hospital e 1 restaurante.

A maior festa da cidade de Aparecida D'Oeste é de caráter regional-religioso e dá-se no dia 12 de outubro, dia de Nossa Senhora Aparecida.

Quem quiser visitar esta cidade da região oeste do Estado de São Paulo terá como ponto turístico a área de lazer do rio São José dos Dourados. ■

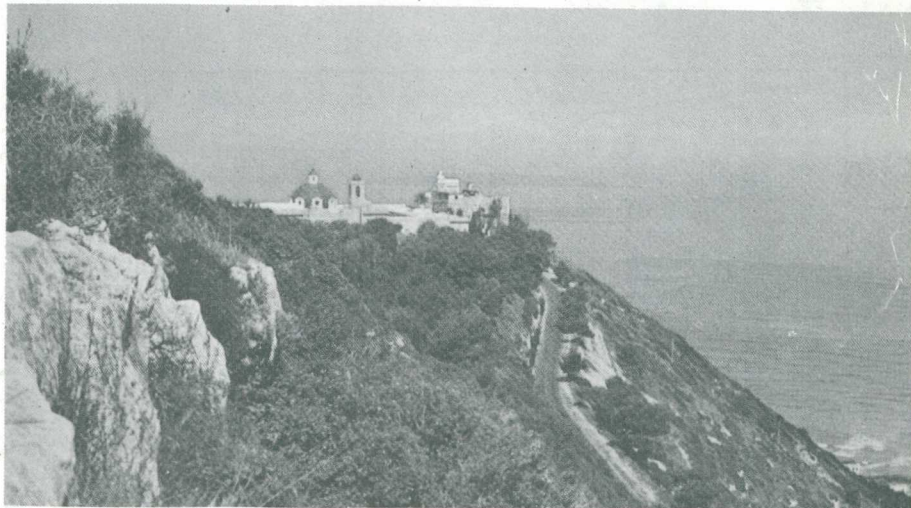
(Informações fornecidas pelo prefeito Valdomiro Rossi)

Nota:

Prezado leitor, se a sua cidade, de alguma forma, tem o nome relacionado com o nome de Nossa Senhora, mande dados, fotos e informações da mesma para a revista Ave Maria e serão publicados.

O Carmelo, jardim fértil da salvação

Mauro Zequin Custódio, cmf



Vista do convento Stella Maris sobre o monte Carmelo (400 m de altitude), em Haifa, Israel.

Desde longa data nosso Brasil conheceu a devoção a Nossa Senhora do Carmo e encontra-se hoje espalhada de Norte a Sul, especialmente no Estado de Minas Gerais.

A antiga invocação à Senhora do Carmo provém da Palestina. Segundo o que nos conta 1Reis 18,19, após um desafio entre o profeta Elias e os sacerdotes de Baal, o Senhor Javé manifestou o seu poder, fazendo descer fogo do céu, que destruiu os altares da falsa divindade, erigidos no Monte Carmelo, situado entre o Mediterrâneo e a atual cidade da Haifa, em Israel. Carmelo quer dizer "jardim". Também o profeta Eliseu, discípulo e seguidor de Elias, costumava orar naquela montanha, e no decurso do século XII o Monte Carmelo começou a ser povoado por eremitas que depois se uniram e fundaram a Ordem dos Irmãos de Nossa Senhora do Monte Carmelo. Foram esses monges que, por volta de 1376 a 1386, deram início ao culto a Nossa Senhora do Carmo. Já em 1726, esta celebração era introduzida no calendário romano, como memória, para o dia 16 de julho.

O fato deste culto ter nascido

entre contemplativos nos faz compreender que veneração de Maria e vida contemplativa vão bem unidas. Maria nos é apresentada como aquela que nos pode comunicar o dom da oração contemplativa, a experiência de Deus.

Melhor do que ninguém Maria foi a que experimentou a intimidade com Deus. Ela é o estímulo para todos aqueles que, hoje, sentem necessidade e buscam a experiência de Deus. Mística na ação, a Virgem Maria soube saborear a presença divina. Encontrou-a na sua Palavra, nos acontecimentos da História; cultivou-a em seu coração feminino.

Na festa de Nossa Senhora do Carmo a liturgia nos convida à aproximação ao mistério de Maria. Para tanto necessitamos abertura de coração ante a beleza e a grandeza do plano salvífico de Deus. Na Mãe de Jesus Deus idealizou e realizou uma obra-prima. Sentada agora junto a seu filho, a Virgem do Carmelo quer nos conceder a graça da verdadeira contemplação, do verdadeiro encontro com o Senhor. No "jardim fértil" de Deus encontraremos a verdadeira salvação e a paz duradoura. ■

QUE BOM QUE VOCÊ VEIO!

(Recado do Cortês)



COMO EMPRESA, CAMINHA ADMIRAVELMENTE. SUA ECONOMIA É ESTÁVEL E SUA ORGANIZAÇÃO, PERFEITA... PENA QUE, DE VEZ EM QUANDO, UM OU OUTRO NOS DÁ UM DESGOSTO, RECORDANDO QUE SE TRATA DE UMA IGREJA!



Em Florianópolis (SC), MARIA GALLOTTI PEIXOTO em 10/08/87. Em Sete Lagoas (MG), LUÍZA SILVINO DE SOUZA em 31/08/87, com 101 anos de idade. Em Itapecerica (MG), MARIA SECUNDA TEIXEIRA DE FARIAS em 30/06/87. Em São Paulo (SP), MARIA APARECIDA BRIZOLA em 20/10/87. ANTONIA MARTA DOS SANTOS em 30/12/86. Em Casa Branca (SP), MARIA DAS DORES HORTA em 01/10/86. Em Ribeirão Preto (SP), DOMINGOS FÁVERO em 09/10/86.

Em Belo Horizonte (MG), JOSELLE FERREIRA aos 6/11/87. Em Porto Feliz (SP), EMILIA MARTIM aos 3/1/88. Em Sorocaba (SP), ROSA CURY aos 26/8/86. Em Francisco Morato (SP), MARIA SILVA PEDROSO aos 28/8/87. Em Cláudio (MG), ALCYR NOTINI PEREIRA a 1/5/87. Em Itapecerica (MG), MARIA RITA MENDES aos 21/8/87.

CÍRCULO DE LEITURA

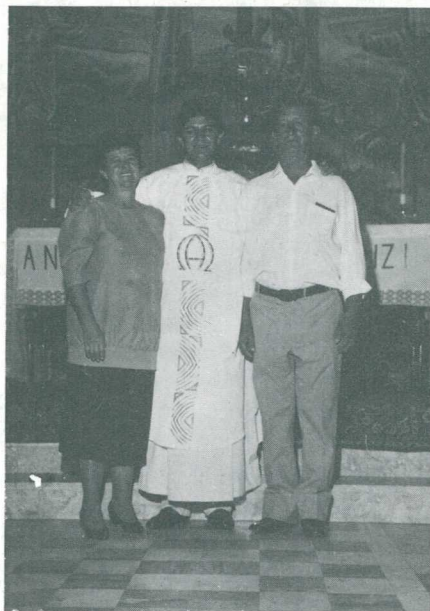
- Assinatura: anual
- 8 cadernos de 48 a 52 páginas, formato 11 x 17 cm
- 4 livros entre 100 e 200 páginas.
- Envio mensal
- Mais de mil páginas de alto valor espiritual e literário sobre temas fundamentais do ideal cristão.
- Alguns dos títulos publicados:
 - * *Trabalho de Deus*, de Josemaría Escrivá
 - * *Generosidade*, de Pierre Charles
 - * *A constância*, de Rafael Llano Cifuentes
 - * *Páginas difíceis do Evangelho*, de Estêvão Bettencourt
 - * *A preguiça*, de Francisco Faus
 - * *O que os filhos esperam dos pais*, de Hugo de Azevedo
- Preço da assinatura anual: 3 OTN do mês da inscrição.
- Escreva-nos pedindo informações:

QUADRANTE
Sociedade de Publicações
Culturais

Rua Iperoig, 604
Tel. 263-0750
05016 - São Paulo (SP)

Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho!

(mais dois missionários
claretianos)



Pe. Ronaldo e seus pais Vanda e Benedito Mazula

Pe. Ronaldo Mazula, cmf

Foi com grande alegria e esperança que a Congregação dos Missionários Claretianos, no dia 18 de dezembro de 1987, recebeu mais um presbítero para servir a Igreja e a Congregação.

O diácono Ronaldo Mazula foi ordenado presbítero em Barretos (SP), na Paróquia Nossa Senhora do Rosário. O bispo ordenante foi D. Antonio Maria Mucciolo, da Diocese da mesma cidade.

Estiveram presentes à cerimônia o Pe. Oswair Chiozini, provincial, como também vários padres claretianos e diocesanos, religiosos e religiosas, familiares do diácono e amigos.

O Pe. Ronaldo, filho de Benedito e Vanda Mazula, nasceu na cidade de Barretos a 30 de agosto de 1961. Ingressou no seminário Claret de Rio Claro (SP) em 1976, a convite do Pe. Ermelindo Cunha, de saudosa memória.

O neo-presbítero exercerá o ministério de Vigário Paroquial e coadjutor do mestre de noviços na Paróquia e Noviciado em Campinas até o mês de agosto, quando então partirá para Roma a fim de se especializar em História da Igreja. O objetivo do curso é o magistério, em futuro próximo, no "Studium Theologicum" de Curitiba.

A primeira missa solene foi celebrada na mesma paróquia, domingo, dia 20 de dezembro de 1987.

Parabéns, Pe. Ronaldo, a Igreja partilha de sua alegria. Que o seu sacerdócio seja fecundo!

Pe. Carlos Luiz Matté, cmf

A ordenação sacerdotal do diácono Carlos Luiz Matté marcou o início do ano de 1988 para os missionários claretianos da Província Meridional do Brasil.

A cerimônia de ordenação realizou-se no pequeno município de São Domingos do Sul, diocese de Passo Fundo (RS), no dia 30 de janeiro às nove horas. Foi bispo ordenante Dom Urbano Allgayer.

Apesar da chuva torrencial um bom número de pessoas reuniu-se para presenciar a ordenação e rezar pelo novo sacerdote, o 15.º deste



Missa da ordenação sacerdotal. Da esq. para a dir.: Pe. Fernando Gazola, pároco da Igreja de São Domingos (RS), Pe. Carlos Luiz Matté, D. Urbano Allgayer, bispo da diocese de Passo Fundo (RS), e Pe. Oséwair Chiozini, provincial.

pequeno município gaúcho, recém-emancipado.

A beleza natural do lugar, pequena cidade de colonização italiana, junto à boa preparação da Semana Vocacional nas comunidades e a fé viva dos fiéis, fez da ordenação deste missionário claretiano um acontecimento marcante para a Igreja local, fonte de muitas vocações.

Na comunidade de Fátima, no mesmo município, à qual pertence a família Matté, foi rezada a primeira missa do neo-sacerdote. A chuva acompanhou novamente o acontecimento, mas era encarada com otimismo e identificada como "bênção" por todos.

A liturgia viva e bem participada foi marcada por aplausos, saudação aos sacerdotes visitantes, o estouro de fogos de artifício na hora do "Glória".

A singela lembrança de um ramalhete de flores colocado sobre o altar simbolizou a presença da mãe do Pe. Matté, D. Ângela, já falecida.

Após a missa o tradicional churrasco gaúcho em homenagem ao novo presbítero.

O Pe. Matté exerce o cargo de promotor vocacional na região sul, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

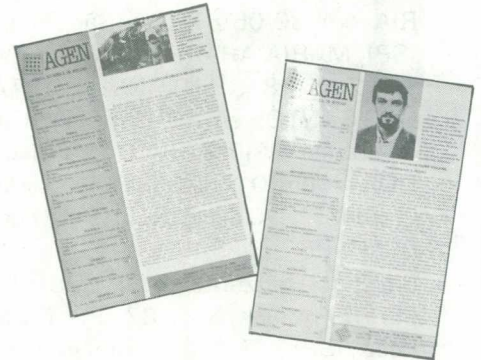
Ac Sr. Armando, aos irmãos José, Teresinha Clarí, Odete e Maristela as bênçãos de Deus e o agradecimento da Igreja e da Congregação Claretiana.

Parabéns, Pe. Matté! Continue firme nos passos do Cristo evangelizador ao modo de Claret. Que Maria o conserve na simplicidade e coragem necessárias na construção do Reino de Deus. ■

Nota:

Os Claretianos (ou Missionários do Coração de Maria) têm comunidades nas seguintes cidades brasileiras: Guarulhos, Aracatuba, Batatais, Campinas, Ribeirão Preto, Rio Claro, Santos e São Paulo (SP); Londrina, Clevelândia e Curitiba (PR); Esteio (RS); Paranatinga, Cataguazes, Pouso Alegre e Cortagem (MG); Goiáresia, Goiânia (GO); Novo Aripuanã (AM); Itapaci (GO); Rio de Janeiro (RJ); Taguatinga (DF); São Félix do Araguaia, Paranatinga (MT); Guajará-Mirim (RO). **Sedes Provinciais:** São Paulo (Tel. (011, 36-2128) e Belo Horizonte (Tel. (031, 222-6059).

ASSINE E DIVULGUE O BOLETIM AGEN



Uma cobertura alternativa para quem deseja estar sempre informado sobre o cotidiano das Igrejas, direitos humanos, movimentos sociais, economia, América Latina e Terceiro Mundo.

PREÇOS DA ASSINATURA ANUAL

Brasil - Cz\$ 2.000,00 (individual)
Cz\$ 2.500,00 (institucional)
América Latina - US\$ 35
Outros países - US\$ 70

Avenida Ipiranga, 1267, 14º andar, CEP 01039, São Paulo, SP, Brasil, Endereço telegráfico: Ecumênica. Telefone: (011) 229-6734. Telex: 11.25824 AECN-BR.

SIM. Quero receber regularmente o boletim semanal da Agência Ecumênica de Notícias. Para isto, estou fazendo de uma assinatura anual, a partir do mês de

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____ CEP _____

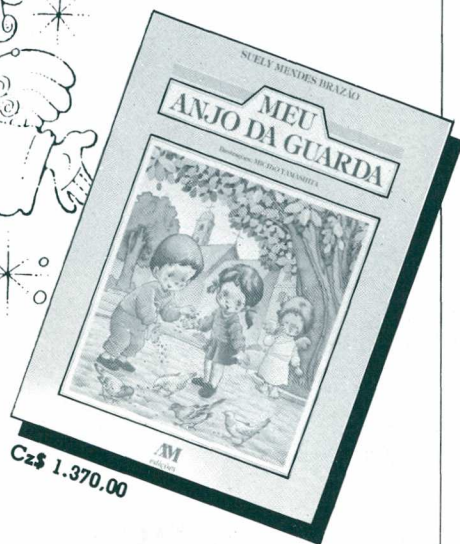
Cidade _____ Estado _____

País _____ Número do cheque ou vale postal _____

Telefone _____

Assinatura _____ Data _____

MEU ANJO DA GUARDA



64 páginas impressas em papel de primeira qualidade, a cores. Formato 23 x 31 cm.

Para crianças dos 7 aos 12 anos, este livro, em luxuosa apresentação, é uma excelente sugestão para presente de aniversário, de Natal, de Páscoa, para o Dia da Criança ou ainda como lembrança da Primeira Eucaristia.

Pode ser também uma bela sugestão para presente de fim de ano, oferecido por empresas, principalmente empresas de produtos infantis e juvenis.

Meu Anjo da Guarda — fartamente ilustrado a cores — traz 14 histórias, breves e simpáticas, sobre crianças de nossos dias, em vários ambientes, com seus problemas ora simples, ora complexos.

Por trás dos 14 temas das historinhas estão valiosos ensinamentos — correspondentes às 14 *obras de misericórdia* ensinadas por Jesus — que levarão as crianças a cultivarem bons hábitos e puros sentimentos.

Faça já o seu pedido e receba pelo reembolso postal, escrevendo para:

EDITORA AVE MARIA LTDA.

Rua Martim Francisco, 656

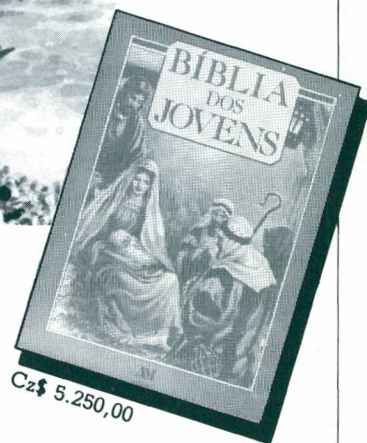
01226 - São Paulo - SP

CAIXA POSTAL 54.165

01296 - São Paulo - SP

ou ainda pelo telefone (011) 826-6111

BÍBLIA DOS JOVENS



A Bíblia dos Jovens

orgulhosamente apresenta seus mais famosos episódios, tão atuais como as aventuras emocionantes de nossos dias:

A passagem do Mar Vermelho

- Uma caminhada em meio a um escaldante deserto.
- Um povo perseguido por um exército impiedoso.
- O mar que se abre milagrosamente.

Davi e o gigante Goliás

- Um jovem em luta contra um gigante.
- A vitória da inteligência contra a força.
- A conquista de um reino.

Ester e o rei da Pérsia

- Um sensacional concurso de beleza.
- A inveja de um homem mau.
- Uma mulher que salva o povo com seu amor.

O massacre das criancinhas

- Um rei corrupto que teme perder o poder.
- Milhares de crianças mortas pela espada cruel dos soldados.
- A fuga heróica de um casal de jovens para salvar seu bebê.

O julgamento

- As tramas e armadilhas dos políticos.
- Uma grande injustiça social.
- A condenação de um inocente.

Viagens pelo mar

- Um homem que tudo arrisca pelo seu ideal.
- Um navio que enfrenta tempestades noturnas.
- O grande naufrágio.

Estas e muitas outras aventuras estão em cartaz nesta novíssima **Bíblia dos Jovens** — **Ilustrada**, feita especialmente para você, jovem, que gosta de aventuras, emoções, mistério, guerras, conquistas e grandes vitórias!

A **Bíblia dos Jovens**, impressa em 528 páginas, formato 22 x 29 cm, vem enriquecida com mais de 400 ilustrações, totalmente a cores, de grande qualidade artística. É uma ótima sugestão para presentear adolescentes e jovens, por seu conteúdo e apresentação. E podemos garantir que também os adultos e crianças vão adorá-la...

Agora
no Brasil!!

SÉRIE HISTORINHAS DA BÍBLIA

Faça já o seu pedido e receba pelo reembolso postal,

escrevendo para:

EDITORA AVE MARIA LTDA.

Rua Martim Francisco, 656

01226 - São Paulo - SP

CAIXA POSTAL 54.165

01296 - São Paulo - SP

ou ainda pelo telefone (011) 826-6111

Cz\$ 270.00 (cada livro)



32 páginas totalmente ilustradas a cores.
Formato prático de 11,5 x 16,5 cm

Série de pequenas obras infantis, fartamente ilustradas, que tem alcançado expressivo sucesso em vários países da Europa e da América.

Empregando recursos próprios da narrativa infantil — como frases curtas, diálogos breves, palavras onomatopáicas, animais personificados — as **Historinhas da Bíblia** destinam-se em princípio a crianças entre 3 e 8 anos de idade. Mas têm também despertado o interesse de crianças maiores como atestam as seguintes opiniões:

“Adotei os volumes das **Historinhas da Bíblia** como obra paradidática para os alunos da 1.ª à 4.ª séries da escola onde trabalho. Foi um sucesso. As crianças desenvolveram muito o conhecimento da Bíblia e da religião, dedicaram-se mais ao desenho, e, principalmente, *interessaram-se bastante pela leitura*”.

Maria Dolores Sánchez
Orientadora Pedagógica de Escola Pública
Espanha

“Tenho três filhos de 12, 10 e 7 anos. Comprei um livrinho para cada um das **Historinhas da Bíblia**. Eles gostaram tanto que agora não param de pedir a mim e à minha mulher para comprar os outros da série. Para dizer a verdade, eles já têm todos os volumes...”

Jorge Piagentini
Argentina

“Em nossa escola ministramos o ensino religioso, que contudo não é obrigatório. Desde que adotamos as **Historinhas da Bíblia** referentes ao Antigo Testamento como obras de apoio às nossas aulas, constatamos um incrível aumento de interesse das crianças pelas aulas de Religião”.

Judy Klein
Professora da Escola Israelita
Inglaterra

Compre hoje mesmo para seus filhos ou alunos um ou mais exemplares das **Historinhas da Bíblia**. Você vai gostar dos livros. Mas as crianças vão adorar!

Títulos já lançados

O filho pródigo
O dia de ramos
A festa de Natal
Jesus ressuscitou!
O soldado que dava ordens
O caminho da cruz
José ajuda seus irmãos
E o mar se abriu...
Um bebê dentro de um cesto
Zaqueu e Jesus
José, o sonhador
A grande família de Abraão

Próximos lançamentos

Leonel, o paralítico
A ovelhinha perdida
Gedeão, o valente
O bom samaritano
O trigo e a erva malvada
A multiplicação dos pães
Deus fez o mundo
Sansão, o superforte
Daniel e os leões
Jesus anda sobre o mar
Davi e o gigante Golias
A arca de Noé